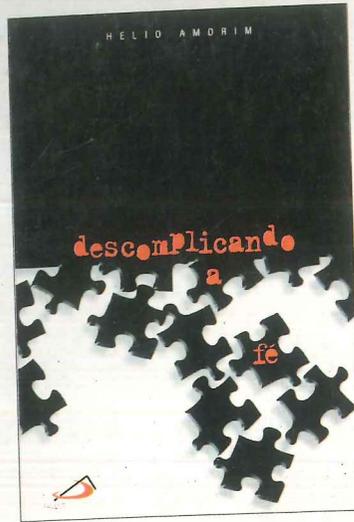


LIVROS



Helio Amorim

Descomplicando a fé *PAULUS Editora*

Este livro pretende ajudar a compreender a essência da fé dos cristãos, que ao longo dos séculos se foi complicando por uma profusão de leis canônicas, regras, orientações pastorais, condenações, normas, questões dogmáticas, preceitos, proibições e eruditas interpretações desconstruídas de textos bíblicos. O resultado é a atual dificuldade que sentem muitos cristãos, especialmente os pais, para transmitir aos outros, e aos próprios filhos, a essência da sua fé.

Pedidos

Paulus Editora
Caixa Postal 2534
01060-970 São Paulo SP
Tel. (011) 810-7002

Livraria MFC
Rua Espírito Santo, 1059 / 1109
30160-922 Belo Horizonte MG
Tel. (031) 273-8842

À venda nas Livrarias Paulus

Peça também à Livraria do MFC os livros indispensáveis para a preparação ao casamento:

O ASSUNTO É CASAMENTO
Para os agentes de pastoral
8ª edição

AMOR E CASAMENTO
Para os que vão se casar
16ª edição

uros altos,
essão
nômica,
emprego
cente,
ança
ercial
ativa,
ento das
das interna e
rma,
atórias
duais,
es no
mento,
ulhamento
ndo
etário
nacional...

tes, risco
ação,
o livre,
as alturas,
e divisas,
uecidas...
ém sabe
r esse nó,
e para a

nica do
o e será
samente
ensado.

⊗ que não desejamos
para este ano
⊗ Papa volta ao México

fato e razão

Um projeto para a família
Basta de genocídio!

⊗ telefone

⊗ homem em primeiro
lugar

Esposos descartáveis
Falta emprego, sobra
discurso

⊗ Dai-nos o pão de ontem

Divorciados recasados

Edito para a mulher

A cidade

⊗ Os direitos da criança

Não fique tão sério...

Problema ou solução
possível

⊗ Aprender a dialogar...

dialogando

Recado ao leitor

Pedimos a sua avaliação de **fato e razão**, esta coleção de publicações que já chegou trinta e sete vezes às mãos de seus leitores.

A pretensão da equipe de redação é a de estar oferecendo matérias de interesse permanente, curtas e variadas, de leitura relativamente fácil mas provocativas e questionadoras.

O objetivo é apoiar leigos cristãos no seu necessário processo de conscientização e de formação para a ação, na família e na sociedade.

É claro que se incluem matérias para puro lazer, mas selecionadas pelo critério do bom gosto e qualidade.

O que lhe pedimos, amável leitor, é que nos escreva, avaliando até onde estes objetivos estão sendo alcançados.

Suas sugestões serão sempre bem acolhidas, para que a coleção **fato e razão** seja cada vez mais agradável de ler.

S. & H. A.

fato e razão

Edição MFC

Movimento Familiar Cristão

Conselho Diretor Nacional

Luiz Carlos e Rita Martins
José Maurício e Marly Guedes
Antonio e Sebastiana Leão
José Geraldo e M. Carmo Silva
Valverde e Rosa de Barros
José Newton e Ariadna Ribeiro
Simeão e Hilda Santana
Aldemiro e Alaides Cláudio
Maria Inês Conti Victor
Antonio e Eliane Goulart
Maria Carolina Ragone Martins
Jesuliana Nascimento Ulysses
Helen Nascimento Ulysses

Equipe de Redação

Beatriz Reis
Helio e Selma Amorim

Consultoria

IBRAF
Instituto Brasileiro da Família

Capa

"O nó em que nos meteram"

Distribuição e Correspondência

Livraria do MFC
Rua Espírito Santo, 1059 / 1109
Tel. (031) 273-8842
30160-922 Belo Horizonte - MG

Ano desta edição: 1999.

- O que não desejamos para o ano que começou, 2
Helio e Selma Amorim
Quando o dever humano é desobedecer, 6
Pe. Marcelo de Barros
O Papa volta ao México, 9
Um projeto para a família, 10
Maria do Carmo Gaspar e Nedo Pozzi
Basta de genocídio!, 14
Francesco Barlaam
O telefone, 17
Rubem Alves
O homem em primeiro lugar, 20
Marcos Pedroso Mateus
Esposos descartáveis, 24
Frei Barruel de Lagenest
Falta emprego, sobra discurso, 26
Costanzo Donegana
Dai-nos o pão de ontem, 30
Frei Matias
Divorciados recasados, 33
Wolfgang Birk
Os ricos não entendem os homens, 38
Arlindo Ribeiro da Cunha
"Marcha à ré pra trás", 42
Mário Canellas
Edito para a mulher, 46
Neide e Itamar Bonfatti
É outro o calendário ameríndio, 56
Marcelo de Barros
A cidade, 60
Pedro Roumié
Recordando os direitos da criança, 62
Problema ou solução possível, 64
Helio Amorim
Não fique assim tão sério, 68
Espiritualidade cristã com rosto indígena, 70
Marcelo de Barros
"Para que edifiques e plantes", 74
Mons. Samuel Ruiz García
Aprender a dialogar... dialogando, 78
Fato, foto e razão, 80

Acontecimentos e revelações recentes indicam algumas coisas que não nos conformamos em deixar passar para o próximo milênio.

O que não desejamos para o ano que começou

Helio e Selma Amorim
Editores de "Fato e Razão"

Na passagem de ano, todos se desejam coisas e dizem o que de bom esperam que aconteça.

Mas também vale não desejar outras tantas coisas que teimosamente insistem em se manter.

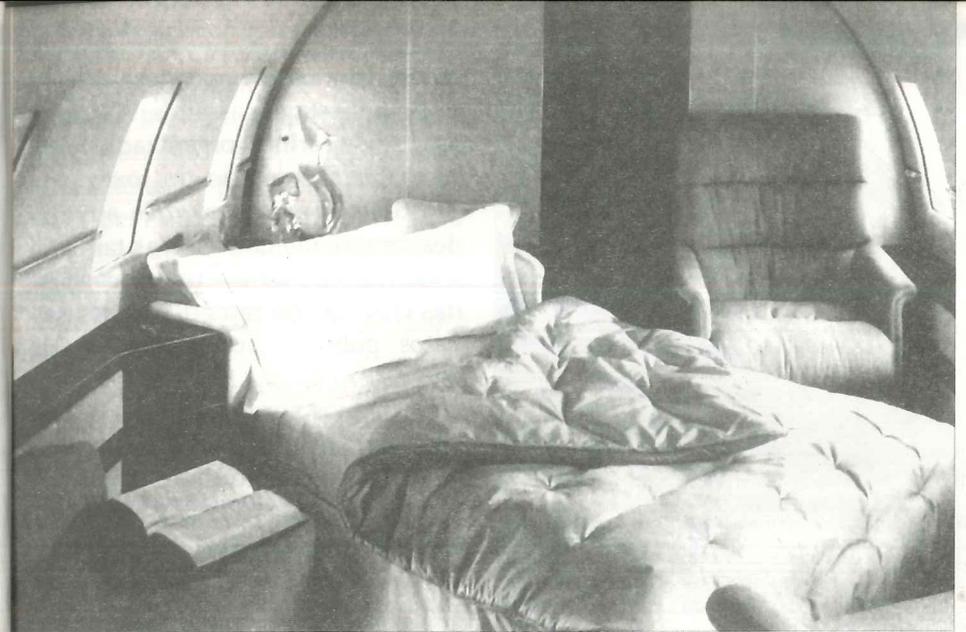
O Ano Novo já começa meio antigo. Parece que tudo fica mais ou menos na mesma. Pode ser um pouco melhor do que o anterior porque os condutores da economia garantem que vai ser pior. Como nunca acertam em suas previsões, cabe um certo otimismo.

O que não desejamos, então, para os tempos que restam deste milênio?

A lista é muito extensa, naturalmente. Mas se nos concentrarmos nos acontecimentos e revelações mais recentes, podemos começar com a concentração de renda, no Brasil e no mundo. Ficamos sabendo que os 385 homens mais ricos do mundo ganham anualmente o mes-

mo que os 2,3 bilhões mais pobres do mesmo planeta, quase a metade da população mundial.

No Brasil, a revista *Veja* nos informa que o empresário Ricardo Mansur está comprando um avião super-luxuoso para uso pessoal por 40 milhões de reais. Tem quarto de casal, banheiro amplo com decoração sofisticada, sala de reuniões e muito mais. Tudo de muito bom gosto. Dará o seu atual jato de 12 milhões como parte do pagamento. A operação, manutenção, o hangar e pilotos custarão uns 400 mil reais mensais, igual ao salário de 3 mil trabalhadores. O exigente empresário viaja uma vez por mês ao exterior e não suporta a primeira classe dos vôos comerciais. Ele é dono das lojas Mappin e Mesbla, onde você, caro leitor, talvez tenha comprado algum presente de Natal, para ajudá-lo a pagar o seu brinquedinho aéreo. Com esse super-jato, Mansur des-



Pela sofisticada decoração do quarto de casal no avião de luxo, está definitivamente provado o bom gosto do feliz proprietário da máquina de 40 milhões de dólares.

banca outro empresário, o mineiro Walduck Wanderley, dono da construtora Cowan, que tem um avião igualmente luxuoso mas de preço mais modesto: 35 milhões de reais.

Enquanto isso, nas favelas e nas ruas das grandes cidades, no sertão seco do Nordeste, no país real... Para se ter uma idéia do que significam esse números: 1000 trabalhadores, trabalhando duro durante dois anos e meio, não conseguem ganhar o preço de um desses aviões.

Também não queremos essa difusa corrupção, uma espécie de metástase que se espalha por todas as artérias e veias dos organismos públicos e age tanto nos focos centrais da doença como nas extremidades vasculares.

Ficamos sabendo, por exemplo, que o empresário Cecílio Rego de Almeida, dono de uma das maiores empreiteiras do país, famoso por transações comerciais que congestionam os canais da justiça, conseguiu comprar terras griladas, no Pará, somente possível pelo conluio de cartórios e omissão de autoridades e juizes. O território comprado irregularmente de grileiros já tem 7 milhões de hectares de selva, quase a extensão da Bélgica e Holanda juntas.

Esse empresário é um exemplo das distorções do sistema: tem origem em família pobre e hoje é dono de uma fortuna de 1,5 bilhão de reais, segundo a revista americana *Forbes*. É também um dos maiores devedores de impostos do Brasil. Quis pagá-los em troca de terras que



Como nos filmes americanos, o revólver na mão de capangas passa a ser uma arma eleitoral, mais eficiente que manipulação de pesquisas e compra de votos.

também possui em Mato Grosso. Como também são griladas, o governo não aceitou. Por enquanto.

Ora, é impossível acumular tanta terra e riqueza, no espaço de uma vida, sem uma profunda fé na solidez da corrupção institucionalizada. É o que não queremos que continue no Ano Novo.

Outro "vade retro" que queremos proclamar é o da violência e desprezo pela vida. Não somente a

que se gera na pobreza desesperada e se manifesta em assaltos. Não apenas a do crime organizado para sustentar o comércio do tóxico, da prostituição e do jogo, três atividades sempre integradas. Mas também a violência da tortura nas delegacias, das chacinas no campo, dos assassinatos políticos por matadores de aluguel.

Fomos surpreendidos no apagar de 1998 por dois depoimentos sinceramente comoventes e francos. O primeiro, do deputado Talvane Albuquerque, de Alagoas. Relata os entendimentos que vinha mantendo por telefone com o matador profissional "Chapéu de Couro", negociando o preço da morte de desafetos que, liquidados, abririam vaga para ele, suplente, assumir um novo mandato de deputado federal. Contava tranqüilamente a negociação para provar que acabou não fechando o negócio e, portanto, não era o mandante do assassinato da deputada Ceci Cunha. Acontece que o matador afirma que resolvera se aposentar há dois anos, e assim gravou as conversas para não ser depois acusado. E revelou que o Deputado teve que recorrer mesmo aos serviços dos seus capangas pessoais para o serviço. Assim, foram assassinados, na varanda de sua casa, a deputada, o marido e mais duas pessoas. Talvane explicava ao matador que não podia ficar sem mandato porque perderia a imunidade parlamentar e os muitos processos paralisados a que responde seriam tocados para frente. Uma preocupação explicável, naturalmente. Como

conseguir a vaga que os eleitores ingratos lhe recusaram? Segundo os procedimentos locais habituais o caminho era o que adotou. Abre-se a vaga pelo tiro certo. Mas registre-se a motivação: a insustentável imunidade parlamentar erradamente estendida a crimes não relacionados com o exercício do mandato.

O outro depoimento, de arripiar os cabelos que nos restam, foi o do ex-tenente, atualmente advogado, Marcelo Paixão de Araujo, herdeiro de rica família de banqueiros mineiros. Ele confessa ao repórter André Petry que era torturador, no tempo da ditadura, em Belo Horizonte. Calcula que torturou uns 30 presos políticos e descreve os métodos que preferia. Choques elétricos, pau-de-arara, tapas, palmatórias e o resto da parafernália usada nessa prática bestial. Ainda guarda manuais de tortura em sua estante. Descreve com frieza a eficácia de cada método, caso a caso. Justifica tudo: era preciso impedir que se estabelecesse no Brasil um regime como o de Salvador Allende. E para essa santa missão, valia tudo. Garante que ninguém morreu nas suas mãos. Sabia como fazer as coisas e até onde chegar. A reprodução da bem humorada entrevista gravada provoca vômitos. É a primeira confissão oficial espontânea de confirmação do que se sabe sobre os porões da ditadura. Acontece que estes métodos seguem



"Torturei uns trinta. Nunca me neguei a torturar, mas só quando era preciso".

sendo utilizados nas delegacias e prisões do país. Todos sabem, mas pouco se denuncia. Como sempre, o torturado tem medo de represálias. Se escapou, o melhor é ficar calado. Mas isso não pode continuar acontecendo em plena passagem de milênio.

Essa violência e desprezo pela vida terão que ser derrotados para que não nos envergonhemos da nossa condição humana.

Já havíamos esgotado a lista dos bons desejos para o ano que começa, e que povoaram nossas mensagens desse tempo festivo. Mas não esgotamos ainda os nossos não-desejos, alguns dos quais lhes transmitimos aqui, com algum atraso, esperando que a leitor complete a lista.

@ O que mais não desejamos que continue acontecendo neste fim de milênio?

@ O que depende de nós, o que depende de outros? Como colaborar para que não continuem acontecendo as coisas que não desejamos? Ações, comportamentos, atitudes nossas que se opõem ou que alimentam o que não desejamos?

"Pra não dizer que não falei de flores..." (Geraldo Vandré).

Quando o dever humano é desobedecer

Pe. Marcelo de Barros
Monge beneditino, escritor

Meio dia. O chão da rua queimava os pés descalços que se aproximavam da praça. O sol implacável e a secura do ar fazia com que nenhuma criatura viva se movesse nas ruas da pequena cidade do sertão do nordeste. A não ser o grupo de maltrapilhos que avançou pelas ruas e parou diante do armazém de abastecimento do governo. A consciência de estar cometendo um ato violento se confundia com a dor dos estômagos vazios e a angústia de ouvir o choro das crianças famintas. A seca agravou a realidade no campo, mas a cerca dos coronéis que detêm os poços e açudes em suas terras irrigadas é a raiz da miséria e os obrigava àquele ato de desespero. Atrás daquela porta, os grãos necessários à sobrevivência imediata os atraíam, como o último instinto de defesa da vida.

Atravessavam a rua quando viram, como surgidos do nada e armados até os dentes, os soldados de sempre. Mal desembarcaram

dos caminhões, o oficial mandou atacar. Em Eldorado de Carajás, uma ordem semelhante decretara a morte de dezenove sem-terra. Quantos morreram em Corumbiara? Para quem manda, pouco importa. Nenhum desses crimes foi punido. Há sempre um comandante a ordenar ataques. Daquela vez, o imprevisto foi que sete jovens soldados não obedeceram. Assim que os outros perceberam que uns não se mexiam, ficaram confusos e recuaram. Tudo em questão de segundos, nos quais também os flagelados estancaram no meio da rua, entre a tropa e o armazém.

O coronel comandante interpelou os comandados. Descobriu que tinha trazido filhos e sobrinhos para lutar contra os próprios pais e parentes. Mas, havia um jovem que não era parente de nenhum flagelado. "Por que, então, não se dispõe ele, a atacá-los, já que não é filho ou sobrinho de nenhum dos retirantes da seca e foi treinado para comba-

ter os inimigos da pátria?". Sem hesitar, o jovem respondeu:

- Arrependi-me de ter vindo. Pertencço a um grupo religioso que me ensina a fazer "objeção de consciência".

Esta cena é imaginária. Dificilmente, ocorreria no Brasil de hoje, onde, de fato, a ideologia da guerra permanente lança pobres contra pobres e filhos contra pais, mas a maioria dos cristãos ainda não sabe o que é "objeção de consciência". Há Igrejas que mantêm tradições de santos guerreiros e outras que se mobilizam em "violentas" cruzadas contra infiéis e dissidentes. Isso é herança de um cristianismo associado ao Império Romano, aos conquistadores europeus e aos impérios de hoje que identificam seus interesses políticos e econômicos com os valores cristãos.

A "objeção de consciência" é uma atitude antiga. Na tradição cristã, existe desde quando, um dia, os apóstolos responderam, com firmeza, às autoridades judaicas:

- "Não podemos fazer isso que vocês estão mandando. É melhor obedecer a Deus do que aos homens" (At. 4, 19).

A consciência é a estrutura mais íntima de cada pessoa, aquilo que faz com que eu seja eu e não um outro. É o meu modo de ser, pensar, amar e me relacionar, como o de compreender a realidade e nela atuar. A consciência é a dimensão interior do ser que julga os atos pessoais e coletivos. Há "objeção de consciência" cada vez que alguém, constatando que uma ordem pode ser legal, mas não é

Uma norma, lei ou orientação eticamente injusta, que produz desumanização, não pode ser obedecida

eticamente justa, decide não obedecê-la. No tempo do nazismo, muita gente arriscou a vida e desrespeitou as leis vigentes, escondendo judeus e ajudando-os a fugir. No Brasil da ditadura militar, muitas pessoas não venderam a sua consciência e defenderam os direitos dos prisioneiros e dissidentes. Hoje, cristãos e não cristãos sabem que, se é verdade que nenhuma sociedade pode organizar-se na base de saques ou do direito do faminto tomar a comida que vê estocada, o crime não é dos desesperados que se apropriam do que deveria ser de todos e a lei discriminatória reserva para uma minoria. A imoralidade fundamental é a dos cínicos que, com dinheiro público salvam bancos falidos, mas acham caro demais resolver o problema da seca e das cercas do nordeste.

Na história, o termo "objeção de consciência" acabou reservado para o ato de se negar a pegar em armas e fazer serviço militar. Na antigüidade, houve cristãos que sofreram o martírio por se negarem a servir ao império romano.

Nos Estados Unidos, por motivo de consciência, muitos jovens rasgaram publicamente seus documentos e aceitaram perder seus direitos de cidadãos para não colaborar com guerras como a do

Vietnã ou recentemente a invasão do Golfo Pérsico.

Hoje no Brasil, ainda se discute o direito da "objeção de consciência". Há um projeto de lei que prevê a possibilidade do "serviço civil", alternativo ao militar. Entretanto, esta lei tem sido sempre obstruída por pressões dos militares e de grupos fabricantes de armas.

É preciso informar e educar a população sobre o direito da "Objeção de Consciência". Para quem crê que a força do amor é maior e mais

@ O que nos parece esta tese da desobediência como dever e obrigação?

@ Há leis, normas, ordens e orientações que podemos ou devemos desobedecer? Se há, vamos dar alguns exemplos.

@ Quais os critérios para definir o que se deve obedecer e o que se deve desobedecer?



Lavagem de dinheiro sujo. Um Projeto de Lei está bem encaminhado no Congresso Nacional. Pretende impedir ou dificultar e punir severamente a lavagem de dinheiro produzido em golpes, fraudes, tráfico de drogas, jogo ilegal e outras maracutaias. As penas vão ser severas. Mas o que é essa lavagem de dinheiro? Funciona mais ou menos assim: um traficante ou fraudador dá um golpe, vai à Suíça e abre uma conta secreta, identificada apenas por um número de código. Esse país, com seu sistema bancário de contas anônimas é o paraíso dos bandidos de todo o mundo, como se sabe. Mas o dono do dinheiro roubado quer usá-lo para comprar casas, terras, iates e gozar a vida no seu país. Então tem que justificar de onde vem o dinheiro que vai comprar tudo isso. Uma das formas é a dos "anões do orçamento", quem se lembra? É comprar bilhetes de loteria sorteados, pagando mais do que o sorteado iria receber. Assim, ficará justificada a origem de uma parte do dinheiro. Outra forma é comprar um imóvel por um preço fictício, dez ou vinte vezes menor do que o preço real. Em seguida, o mesmo imóvel é vendido pelo preço que vale. Está assim justificada a origem do dinheiro sujo: lucro na revenda do imóvel. Os cassinos são outra maneira de lavar dinheiro: geralmente pertencem a máfias e têm como principal objetivo lavar dinheiro. O ladrão acerta com o cassino um comprovante de ganhos elevados na roleta. Paga uma taxa pesada ao cassino mas sai com uma justificativa para a origem do dinheiro roubado. Essas e outras práticas vão ser punidas severamente, se deixarem passar esse Projeto de Lei. Pode-se imaginar o que vão tentar fazer contra a sua aprovação os mesmos mafiosos que querem os cassinos.

O Papa volta ao México

João Paulo II retorna ao México pela quarta vez em sua 85ª viagem pastoral. Sua fidelidade à missão e sua resistência física são comoventes.

O México convive com problemas semelhantes aos do Brasil: concentração de riqueza e renda, grande desigualdade social, extrema pobreza.

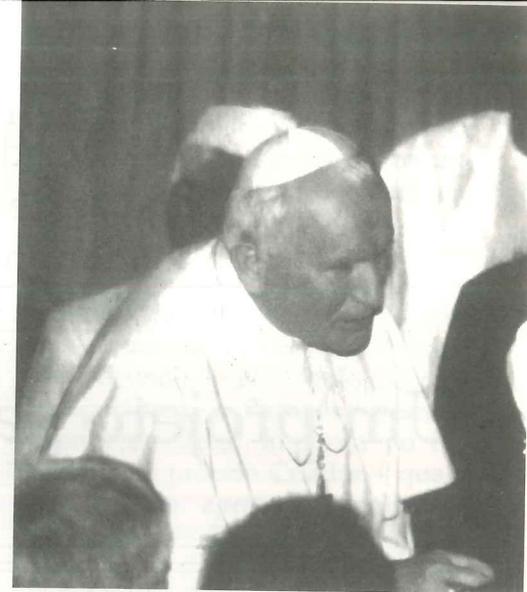
A guerrilha surda em Chiapas, no sul mais pobre, é o típico conflito entre ricos e miseráveis. Não é mais uma luta ideológica. É o inconformismo diante da desigualdade social, ainda que acabe sendo manipulado, muitas vezes, por interesses políticos internos.

A presença e a palavra do Papa costumam influir fortemente nos destinos dos países visitados, ainda que a diplomacia política manejada pelos Núncios Apostólicos, muitas vezes impeça discursos mais contundentes e explícitos de denúncia das injustiças sociais localizadas no próprio país, nessas visitas pastorais.

Nessa viagem, João Paulo, falando para a toda a América, reiterou a gravidade dos pecados sociais, como as desigualdades sociais, o narcotráfico, a violência, o terrorismo, a discriminação social, os guetos de pobreza e a destruição da natureza. "O pecado social reflete a profunda crise causada pela perda do sentido de Deus e de uma referência moral, sem as quais se cai na busca obsessiva de riqueza e poder, que ofusca toda visão evangélica da realidade social", afirmou. Alertou para o risco da perda dos valores culturais locais dentre as conseqüências negativas da globalização.

O Papa divulgou a Exortação Apostólica dirigida à Igreja das Américas, na qual condena duramente o neoliberalismo, "que se tornou uma justificativa ideológica de algumas atitudes e modos de trabalhar no campo social e político que causam a marginalização dos mais fracos". E acrescentou: "Por isso, os pobres são cada vez mais numerosos, vítimas de políticas e estruturas freqüentemente injustas".

João Paulo quer uma Igreja mais militante politicamente. Oferece a participação da Igreja nos debates entre os dirigentes dos países do Primeiro Mundo, do FMI, do Banco Mundial, para que se encontrem soluções para o problema das dívidas externas. "Não há democracia verdadeira e estável sem justiça social".



Um dos problemas mais graves da sociedade atual é não ser capaz de preparar os jovens para o matrimônio, para a vida a dois.

Um projeto para a família

Maria do Carmo Gaspar e Nedo Pozzi

Luzes, música, convidados, presentes. Emoção e lágrimas. Dois jovens enamorados declaram solenemente o amor entre eles, diante dos pais, amigos e parentes, prometendo um ao outro serem fiéis para sempre. É o início de uma vida a dois que parece um sonho.

Passam os primeiros anos – ou os primeiros meses, em alguns casos – e as mesmas testemunhas da promessa de amor recebem a notícia, agora sem nada de festivo, da separação do casal.

Mas, não estão esperando o primeiro filho? O que será da criança? Pareciam tão felizes, o que terá acontecido? O que levaria um casal a se separar tão cedo? Essas perguntas denotam a perplexidade que existe diante do problema de um casamento desfeito.

Aumenta cada vez mais o número de separações nos primeiros anos de casamento. A experiência dos casais jovens nem chega a desabrochar ou a amadurecer e a desilusão, a decepção, a angústia, os sofrimentos sufocam a vida que mal despontou.

E o pior é que essa tendência está crescendo; o “tempo de vida” dos matrimônios está diminuindo rapidamente.

Até há poucos anos a separação acontecia depois de um certo tempo de convivência e atingia os casais após a famosa crise dos sete anos. Agora, a grande maioria dos casais que se separam são muito novos, recém-casados. No entanto, se procurarmos entender realmente o pensamento dos jovens, veremos que também para eles a família está em primeiro lugar na escala de valores. Esse fato é confirmado por muitas pesquisas.

A contradição entre o pensamento e a prática em relação à família leva a crer que não se trata de um problema exclusivo dos jovens, embora eles estejam diretamente envolvidos. Trata-se de uma profunda crise da nossa sociedade que não é capaz de preparar as novas gerações para o matrimônio, para conhecer-se e amar-se reciprocamente e para serem felizes.

Falta aos jovens um projeto de vida que os forme e os torne capazes de viver em comunhão. Isso gera uma extrema carência de valores da qual todos são responsáveis.

A transitoriedade da experiência familiar, que termina e recomeça sucessivamente em moldes diferentes, é vista cada vez mais como uma coisa normal. E as leis civis relativas à família procuram se adaptar a esse fato.

As identidades dos diferentes componentes da família (homem, mulher, criança, idoso, doente, cada um com seus direitos e sua individualidade) são mais fortes e mais distintas hoje do que há algum tempo. Este pode ser um dos motivos pelos quais o modelo tradicional de família entrou em crise.

Essa crise de modelos coloca também em questão a legitimidade moral da família e isso revela a fragilidade cultural que está na base do vínculo matrimonial. Faz-se necessária, portanto, uma mudança de mentalidade baseada nos valores cristãos.

A Trindade como modelo

Só podemos entender o sentido da família conhecendo melhor o homem no seu ser mais profundo. E podemos colher isso no relato bíblico da criação: chamado à existência, o homem não fica sozinho, porque recebe de Deus o Dom de Ter uma companhia, a mulher. Um é confiado ao outro. A “dualidade”, inscrita na diferenciação sexual, entra na experiência humana e supera a simples condição de indivíduo. O homem foi criado e se

realiza plenamente na relação de amor com a mulher – diferente dele e igual a ele –, e com ela deve compartilhar o Dom da fecundidade e o uso dos bens.

Neste sentido a família não é somente uma estrutura social culturalmente determinada: ela assume uma dimensão existencial, ontológica. Segundo muitos teólogos contemporâneos, a “imagem e semelhança de Deus” impressa no homem pelo próprio Criador – que o cristianismo apresenta como um Deus em três Pessoas – se exprime também na diversidade entre o homem e a mulher, no relacionamento de amor entre eles e na fecundidade desse amor. Em síntese, é a família, primeira comunidade humana, que exprime a própria essência de Deus.

Essa marca trinitária que existe no ser humano vai além da dimensão intrafamiliar, e assume uma dimensão relacional entre as famílias e delas com a sociedade. A época moderna, porém, se caracteriza pela valorização dos direitos individuais, pela busca da própria privacidade e, conseqüentemente, pelo fechamento da família. A vida na cidade, em geral, não proporciona possibilidades de comunhão, de fraternidade, de solidariedade e de ajuda recíproca; e a família se fecha.

Uma família “privatizada” dessa forma é uma instituição frágil que encontra grandes dificuldades para manter a própria existência. Um casal que vive isolado em si mesmo não consegue administrar o seu crescimento nem manter viva a comunicação.

A dimensão social da família, que se entrelaça com a realidade

do trabalho, da escola, da Igreja, do lazer, deve ser recuperada urgentemente. O casal que se comunica com os outros casais é capaz de enxergar os problemas dos outros, e de confrontar e redimensionar as próprias dificuldades. Na comunhão é mais fácil também encontrar a luz para enfrentar as difíceis situações relacionadas com a família.

A maior novidade da família é, portanto, ter em si os recursos para a realização mais profunda do ser humano, que foi criado para a comunhão. Uma novidade que responde às exigências dos tempos atuais: realização da mulher, valorização da maternidade, redescoberta da sexualidade, exigências que em si são positivas, contanto que não sejam absolutizadas.

Esse projeto de comunhão vai contra a corrente e é misterioso, mas também é fascinante, porque se espelha na dinâmica da própria vida de Deus que é Trindade.

Transmitir essa realidade aos jovens de hoje é um desafio ao qual as gerações mais maduras devem responder. Muitos casais já o

@ Como está a situação da família na nossa cidade? Tranquila e estável? Conflitiva e sofrida? Separações são frequentes?

@ Se conhecemos casos de separações, quais são as causas mais frequentes? Reconciliações acontecem? Há na cidade algum tipo de apoio a famílias em crise?

@ Os que se casam são bem preparados para o casamento? Como? Poderia ser melhor? Participamos?

@ Como entendemos o sacramento do matrimônio? Qual o seu significado? Os que se casam compreendem de que se trata?

@ O que é possível fazer, ou melhorar, para preparar bem os que se casam e apoiar casais em crise?



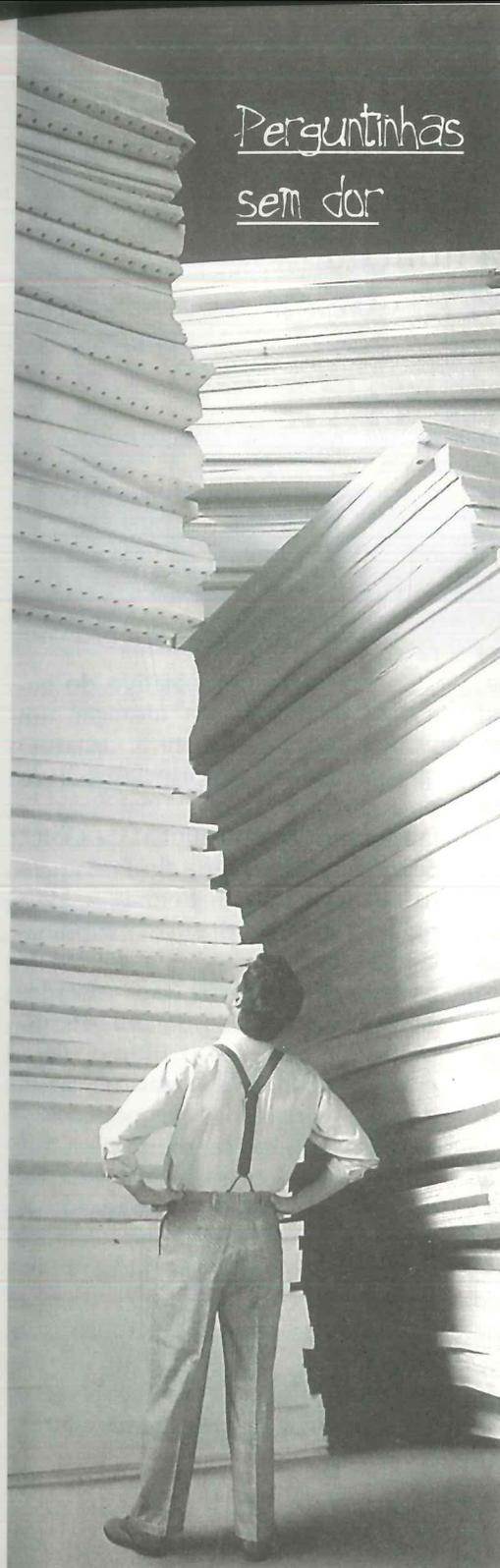
Na verdadeira comunhão de vida é mais fácil encontrar a luz para as situações difíceis de relacionamento na família

fazem através do testemunho de vida, transmitindo as próprias convicções, ou colocando em comum os frutos, as idéias, as experiências. O importante é que as novas gerações conheçam e experimentem a verdade sobre o amor, aprendam a olhar para o outro e a viver em comunhão, que saibam que o Dom de si exige sacrifício mas é o caminho por excelência para a felicidade.

Extraído de "Cidade Nova", revista do Movimento dos "Focolari".



"Ninguém pode ser completamente livre até que todos o sejam". (Herbert Spencer)



Perguntinhas
sem dor

Burocrata é o sujeito que transforma soluções em problemas... não só nas repartições públicas mas, tantas vezes... em casa. Há algum burocrata por aqui?...

Um tribunal internacional terá o poder de perseguir e condenar os responsáveis por crimes contra a humanidade

Basta de genocídio!

Francesco Barlaam

Finalmente. Depois de cinco semanas de negociações diplomáticas, 5 mil delegados representantes de 162 países, reunidos em Roma, decidiram criar um Tribunal Penal Internacional (TPI), de caráter permanente. A partir de agora, a lei do mais forte não dirá a última palavra na solução dos conflitos internacionais: um organismo supranacional terá o poder de perseguir e condenar os responsáveis por genocídio, agressões, crimes de guerra e crimes contra a humanidade. Sejam eles vencidos ou vencedores, chefes de Estado ou de Governo, altos militares ou cidadãos comuns.

Mesmo havendo ainda muitos obstáculos a serem superados, o Tribunal Permanente Internacional representa um passo muito importante em direção a um mundo mais unido, no final deste século que talvez tenha sido o mais dramático da história da humanidade. Só de 1945 até hoje aconteceram, nos países pobres, cerca de 150 guerras de maior ou menor intensidade, envol-

vendo certa de 90 países e com baixas superiores às da Segunda Guerra Mundial.

O principal objetivo do encontro de Roma era alcançar um primeiro acordo sobre o estatuto que estabelece os princípios e os procedimentos para viabilizar e fazer funcionar o tribunal da ONU. Segundo a comissária do Parlamento Europeu, Emma Bonino, a idéia de se criar um organismo supranacional "era um grande obstáculo porque a soberania dos Estados estava sendo colocada em discussão". Por isso, até o último dia - entre mediações e tratativas, acordos de corredor e negociações - teve-se de trabalhar muito para que saísse um esboço de estatuto. Foi necessário vencer a oposição de grandes potências como Estados Unidos, China, Rússia, Índia, França, Israel e Estados Árabes - representantes de cerca de dois terços da comunidade internacional - que pediriam diversas modificações no texto original, justamente para limi-



Genocídio: camponeses choram seus mortos após mais um massacre bestial em Kosovo.

tar a ação do tribunal da ONU. No final, o estatuto que institui a corte foi aprovado pela assembleia, com 120 votos a favor, 7 contrários, entre os quais o dos Estados Unidos, China e Israel, e 21 abstenções.

O tribunal da ONU será instalado, apesar das diferenças de interesses das grandes potências mundiais, que tentaram inviabilizá-lo até o último momento. "O tribunal nasceu frágil, mas fará - segundo afirmou Stefan De Mistura, chefe do escritório da ONU em Roma - um longo caminho. Na primeira crise internacional com ameaça de genocídio, a indignação da opinião pública dará à corte a força necessária para exercer a sua função. Os massacres na Ruanda talvez não tivessem acontecido se já existisse um tribunal internacional capaz de

julgar imediatamente os crimes e de condenar os responsáveis.

O impulso final que determinou a criação da corte permanente foi a difícil e fracassada experiência dos tribunais sobre os crimes na ex-Iugoslávia e na Ruanda. A idéia do tribunal, porém, teve origem em uma convenção internacional assinada em 1950 que nunca foi atuada. Isto porque a ONU - dominada, até pouco tempo atrás, pela lógica da divisão do mundo em dois blocos -, foram relegada a um papel secundário na solução das controvérsias internacionais.

Com a queda do muro de Berlim e o fim da guerra fria, mudou tudo. Cresceu sempre mais a necessidade de diálogo entre o Leste e o Oeste do mundo. Como consequência desse novo quadro, a ONU

adquiriu uma maior credibilidade e se fortaleceu, o que possibilitou a criação de um tribunal permanente de caráter supranacional.

Para a grande maioria das Organizações Não-Governamentais (Ongs), porém, o TPI "já nasceu aleijado" devido aos compromissos que teve de assumir com as grandes potências, segundo afirmou Pierre Sané, presidente da Anistia Internacional. Para William Pace, que estava representando 260 Ongs na assembléia, "certamente esse tratado não é uma vitória plena, mas sem dúvida representa uma derrota para as cinco maiores potências mundiais".

O secretário das Nações Unidas, Kofi Annan, sublinhou: "O que aconteceu em Roma foi um passo gigantesco nos caminhos da justiça". "Muitos de nós - afirmou - queriam uma corte com maiores

poderes, mas o resultado obtido não deve ser subestimado: temos um bom documento, agora é necessário atuá-lo".

Também o Papa apoiou a criação do tribunal da ONU. "Espero - disse aos participantes da assembléia - que a conferência seja um momento histórico no caminho da mútua compreensão entre os povos". "O que aconteceu na Bósnia e na Ruanda - afirmou Bianca Jagger, ativista da Anistia Internacional - nos ensina que sem justiça não existe reconciliação, e que sem reconciliação não existe paz verdadeira. A primeira função desta corte é garantir que os crimes de guerra não sejam mais cometidos e que cesse a impunidade."

Extraído de "Cidade Nova" - Movimento Focolari.

- @ O que podemos esperar da criação deste tribunal internacional?
- @ Que repercussão poderá ter a existência deste tribunal nos países?
- @ Estamos bem informados sobre as ditaduras e tiranias que ainda existem no mundo? O que sabemos? Por que são pouco noticiadas?

infa - instituto da família

UM SERVIÇO DO MFC ÀS FAMÍLIAS DO RIO DE JANEIRO

Mais de 600 pessoas estão atualmente em terapia individual, familiar ou de grupo, atendidas por mais de 50 profissionais das áreas de psicologia, psico-pedagogia e fonoaudiologia. Predominam crianças e adolescentes. Cursos profissionalizantes para crecheiras e babás ajudam jovens a encontrar emprego e melhores salários. Equipes do MFC administram os dois Centros de Atendimento.

Rua Goiás, 132, Engenho de Dentro - CEP 20756-120
Rua Alzira Brandão, 459 - Tijuca - CEP 20520-070
Rio de Janeiro

O telefone



Rubem Alves
Psicanalista, escritor

São duas horas da madrugada. Já faz três horas que estou travando uma batalha de seis contra a insônia: durante a insônia é contado em dobro. Tento, em vão, pôr um fim à baderna que as idéias resolveram fazer na minha cabeça. Mentalizo uma escuridão total, na esperança de que as idéias pensem que a festa acabou. Unutilmente. O baile continua. Pensamento pode ser coisa infernal, moto-contínuo, máquina que não pára. Por mais que supliquemos. Bastaria que ela parasse um segundo apenas: seria suficiente para que o sono viesse, com o seu abençoado esquecimento. Mas a máquina de pensar não tem mais misericórdia.

Desisto da luta. Diz o ditado inglês: "If you cannot beat them, join them" (Se você não pode vencê-los, junte-se a eles) ... - Resolvo entrar no baile. Ponho-me a dançar com um telefone, pois foi com ele que tudo começou.

O dia tinha sido muito cansativo Arrastei-me para a casa, o corpo pedindo um banho, a boca pedindo sopa, pão com alho e tomate, os olhos pedindo momentos de doce torpor hipnótico diante da televisão. Depois o sono. Às dez e meia eu já estava dormindo.

Mas meu nirvana durou pouco. Logo souu a campainha do inferno, acordei assustado sem saber que horas eram, telefonema no meio da noite só pode ser coisa ruim, o que teria acontecido? O coração acelerado, tirei o fone do gancho:

- Alô!

- É o Rubem?

A voz, do outro lado, era leve e tranqüila. Vi logo que coisa grave não seria.

- Sim, é o Rubem...

- Que alegria! - A pessoa se identificou. Era gente querida, que chamava de muito longe.

Eu estava lendo um livro seu, me senti com saudades, resolvi



telefonar. Não tenho nada de especial para dizer. Só queria ouvir a sua voz.

Conversamos um pouquinho, meu coração comovido com aquela prova de amor. Mas meu corpo estava bravo. Por mais que eu argumentasse ele não se conformava de ter sido arrancado do sono. Tentei acalmá-lo, mostrando que não havia razão para tanta braveza. O melhor seria voltar para a cama e dormir. Afinal de contas, não era tão tarde assim, apenas onze e meia. me disse que não aceitava explicações. E, como prova de sua raiva, jogou areia e pimenta nos meus olhos.

Tentei argumentar de novo. Citei Santo Agostinho: "Ama e faz o que quiseres." Até aquele momento esta fórmula ética tinha sido, para mim, absoluta. O argumento se desenrolava como um silogismo. Aquele telefonema fora fruto do amor. Conclusão: estava, portanto, moralmente justificado. Mas meus olhos cheios de areia e pimenta retrucaram:

- Agostinho só disse isso porque na casa dele não havia telefone. Se houvesse, a sua máxima seria um pouquinho diferente: "Ama e faz o que quiseres. Mas no caso do ato de amor ser um

telefonema, por favor, vê antes que horas são!".

Entreguei os pontos, convencido. Abandonei-me à raiva daquela insônia. Ato de amor por vezes são terríveis. E me pus a pensar sobre esse tirano, o telefone.

Alguns cientistas têm estado a debater se telefone celular causa ou não câncer. Como estão equivocados! A verdade é o oposto. É o câncer que produz o telefone celular. Telefone celular é uma doença, evidência de perturbação mental. Pois só pode ser louco quem quer carregar um chato a tiracolo.

Para início de conversa, é o tipo mais mal-educado que conheço. A gente ensina aos filhos boas maneiras, pedir licença, não interromper a conversa. Para o telefone isso não vale. Invade casa e quarto a qualquer hora, aos gritos, sem pedir licença, em completa desconsideração por aquilo que se está fazendo, pouco lhe importando que a pessoa esteja dormindo, no banheiro, trabalhando, rezando ou fazendo amor, só pára de gritar quando seu desejo é atendido. O ato de atender ao telefone, parece-me, dá ao outro a impressão de que estávamos ali, à espera, com todo o tempo do mundo disponível.

E o pior é que todo mundo obedece. Já repararam o pandemônio que ele cria numa casa com seus gritos histéricos? É como se ele fosse um rei, cujas ordens têm que ser obedecidas imediatamente.

E, depois, vêm os insultos. Para mim, o mais detestável é quando a telefonista atende e diz: "Um momentinho só!" E, sem nos consultar, põe o fone sobre um

rádio. E ali fico eu, sem alternativas, obrigado a ouvir anúncios, música caipira ou rock, pois, se não o fizer, não saberei quando a pessoa atende. Há também a situação inversa, quando outro nos chama e a telefonista diz: "Um momento, por favor!" Ai, toca a procurar a pessoa que fez a chamada que, naquele momento, deve estar em outro lugar e que imagina que o seu tempo é para esperar, somos nós, os desocupados, os que temos que ficar esperando. Mas isso eu resolvo fácil. Conto até dez e desligo. Se chamar de novo, digo que a linha caiu.

Depois dos insultos, as humilhações. A telefonista atende, digo com quem desejo falar e ela pergunta: "de onde?" Fico perplexo. Desde quando deixei de ser uma pessoa para transformar-me num lugar? Pois a pergunta "de onde?" pressupõe que o que importa, o que me define, é o lugar onde estou! Que filosofia besta! Resolvo brincar. À sua pergunta sobre o "onde" respondo com o meu endereço.



"Não, não", ela me interrompe, espantada com a minha burrice. "O nome da sua firma..." Pergunto de volta: "E se eu não tiver firma..." E ela se cala. Não lhe ensinaram como proceder em tal situação. Ela não sabe o que fazer quando, do outro lado da linha, quem fala é uma pessoa e não um lugar.

Estou com raiva do telefone. A pimenta e a areia transbordaram dos olhos. Entraram nos pensamentos. Vou voltar para a cama, na esperança de poder dormir e desejoso de que não haja outro telefonema de amor que me acorde.

Extraído de "Tempo e Presença"

Para melhor transmitir a nossa fé aos nossos filhos

Descomplicando a fé

Helio Amorim

Editora Paulus

128 páginas - R\$ 7,50.

Pedidos à Livraria da MFC

Rua Espírito Santo, 1059 / 1109 - 30160-922 Belo Horizonte - MG

Tel. (031) 273-8842

À venda no MFC e nas LIVRARIAS PAULUS da sua cidade

A comunidade internacional comemorou o cinquentenário de um dos maiores símbolos da luta em favor do homem: a Declaração Universal dos Direitos Humanos

O homem em primeiro lugar

Marcos Pedroso Mateus

Declaração Universal dos Direitos Humanos. Este documento da Organização das Nações Unidas reflete a evolução histórica e filosófica em torno da compreensão dos direitos inalienáveis do ser humano e do seu reconhecimento. Não se trata, portanto, de uma singela descoberta realizada pela humanidade em 1948, muito embora a trágica tentativa de dizimação do povo judeu tenha servido de impulso. É o resultado de séculos de avanços e retrocessos no sentido de limitar o poder absoluto e os abusos que indivíduos ou grupos poderiam praticar entre si.

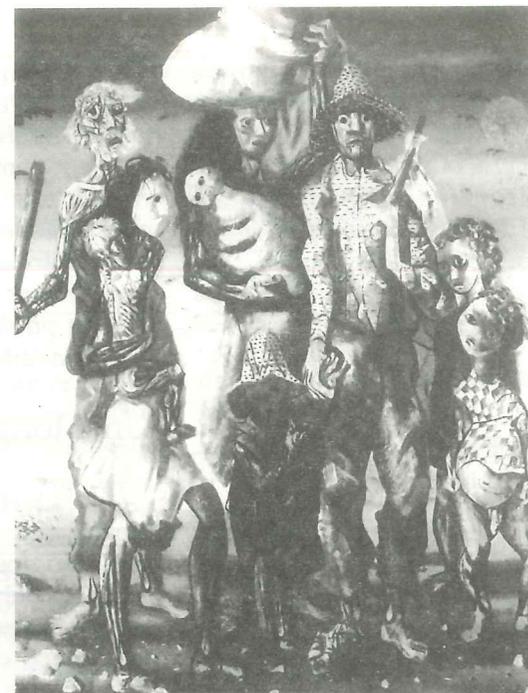
Este cinquentenário poderá ser um momento privilegiado para uma profunda reflexão sobre o respeito à dignidade humana e sobre os novos desafios colocados àqueles que pensam e agem pautados pela

defesa dos princípios inalienáveis do homem.

É o momento de reforçar o conceito de que direitos humanos são, em primeiro lugar, a negação da barbárie, do estado de natureza. São um pacto que os seres humanos fazem entre si de respeito aos direitos fundamentais de todos, sem os quais a família humana não pode subsistir.

Os direitos humanos contemplam também um universo de prerrogativas que se expressam no cotidiano e que sustentam a dignidade de todas as pessoas: melhor atendimento na área da saúde, transporte digno, saneamento básico, melhores salários, meio ambiente saudável, emprego, segurança pública, educação. A luta por essas garantias sociais é a reafirmação constante desses direitos e de sua importância no mundo moderno.

Esta obra bela e dramática de Portinari nos recorda que ainda há um longo caminho a percorrer para que o direito ao trabalho, ao salário digno, a condições saudáveis de alimentação e moradia, e o acesso à educação sejam uma conquista de todos, e não privilégio de alguns.



Direitos civis e individuais

Para conhecermos a evolução do conceito de direitos humanos devemos retroceder na história até, pelo menos, ao período do absolutismo. Fundado na idéia da divindade de seu poder e no uso da força de seus exércitos, o rei decidia o destino das pessoas, de suas famílias e de suas posses. Diante desse despotismo é que surgem as primeiras manifestações e tentativas de limitar o poder.

Tais iniciativas, como a adoção de uma Constituição, a separação de poderes e o Estado de Direito, iriam refletir anos depois em dois grandes fatos históricos, quase simultâneos, durante os quais seri-

am elaborados alguns dos mais importantes documentos relacionados aos direitos do homem: a Declaração de Independência dos Estados Unidos da América (1776) e a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, fruto da Revolução Francesa (1789).

Estes documentos caracterizaram-se por uma preocupação especial em proteger o indivíduo frente ao Estado-arbítrio, em consonância com os interesses da burguesia. Mediante a consolidação desses princípios, o poder estaria completamente equilibrado e impedido de interferir na esfera privada dos cidadãos, garantindo-lhes a plena liberdade de exercício de suas potencialidades.

São esses valores, portanto, que predominaram nos textos ame-

ricano e francês e que ficaram conhecidos como *direitos humanos de primeira geração*, constituindo-se de direitos civis ou individuais: direito à vida, liberdade, religião, segurança, propriedade, privacidade, igualdade perante a lei.

Direitos sociais e econômicos

Como conseqüência da Revolução Industrial, começa a se formar uma volumosa massa de operários que trabalhavam em situação degradante e em troca de salários miseráveis. Homens, mulheres, crianças e idosos cumpriam uma carga horária de trabalho massacrante e em condições desumanas. Desde então, começam a proliferar as idéias e lutas socialistas, que culminariam na Revolução Russa de 1917 e nos ideais social-democráticos do continente europeu.

A partir de então, as principais Constituições passam a contemplar o que se convencionou denominar *direitos humanos de segunda geração* ou *direitos sociais e econômicos*: direito ao trabalho, salário digno, repouso, previdência social, organização sindical, instrução básica, entre outros.

A *terceira geração de direitos* seria composta de direitos difusos e coletivos e estaria centrada, principalmente, na necessidade da preservação de um meio ambiente equilibrado e saudável, no direito ao desenvolvimento e à paz internacional, nos direitos do consumidor, da infância e da juventude.

Com o desenvolvimento tecnológico e científico e sua aplicação na esfera biológica, que permitem ao homem manipular geneticamente os seres vivos, inúmeros questionamentos éticos sobre os limites a serem impostos a essas experiências nos obrigam a refletir sobre a possibilidade de uma *quarta geração de direitos humanos*.

Uma longa trajetória

Qual a origem teórica dos ideais que deram consistência à evolução dos direitos e ao seu crescente reconhecimento? Trata-se de um fenômeno resultante, sobretudo, do avanço da civilização ocidental que, por sua vez, é conseqüência de séculos e séculos de influência das culturas grega e judaico-cristã.

Os gregos deram importante contribuição na transformação do pensamento humano, que se baseava exclusivamente em explicações místicas dos fenômenos da natureza e da origem do universo. Introduziram, assim, a compreensão científica dos fatos, inaugurando descobertas nos campos da astronomia, física, medicina e na filosofia em geral. Do ponto de vista da cultura de direitos, a grande contribuição helênica foi o surgimento da democracia, que se realiza com a participação dos cidadãos.

A cultura judaico-cristã, por seu turno, forneceu importantes valores que nortearam o modo de pensar e agir da maioria das sociedades ocidentais e, conseqüentemente, a sua evolução no campo da contenção do poder arbitrário. Importantes passagens bíblicas, tanto

do Antigo quanto do Novo Testamento, sedimentaram ensinamentos que iriam acompanhar definitivamente a humanidade. A idéia de que somente Deus tem o monopólio de "dar" e de "retirar" a vida (não matará); o dever de oferecer a outra face àquele que nos agride, de perdoar infinitamente e de amar-se mutuamente, exprimem o respeito que devemos ter para com os nossos semelhantes, independentemente dos atos que eles tenham praticado contra nós.

Com o passar do tempo, outras contribuições intelectuais foram se somando a essas formulações. Vale destacar o importante papel do Iluminismo na Europa do século XVIII que, concentrado na Inglaterra, França e Alemanha, se tornaria o estopim e a inspiração de muitos fatos históricos. O movimen-

to iluminista, por intermédio da supremacia absoluta da razão, conceberia a democracia liberal e moderna, influenciando profundamente na Revolução Francesa, na Independência dos Estados Unidos da América e, mais perto de nós, na Inconfidência Mineira.

Esses acontecimentos históricos e intelectuais da humanidade deram uma contribuição fundamental para a consolidação dos direitos inalienáveis da pessoa humana. Evidentemente, novas formulações encontram-se em plena discussão e seus reflexos certamente serão percebidos no nosso cotidiano, nos governos, nos organismos internacionais e nas organizações não-governamentais.

Extraído de "Cidade Nova", revista do Movimento dos Focolari.

- @ O que são para nós "Direitos Humanos"? Quais são?
- @ São respeitados os Direitos Humanos no mundo? No Brasil? E em nossa cidade?
- @ Nossos Direitos Humanos são sempre respeitados? Respeitamos os Direitos Humanos dos outros? Exemplos que confirmam ou desmentem.
- @ Como podemos nos empenhar para que sejam sempre respeitados os Direitos Humanos, especialmente os direitos dos mais pobres e indefesos?



Frases que fazem pensar...

- "Triste época: é mais fácil desintegrar um átomo que um preconceito". (Albert Einstein)
- "O melhor da vida é o passado, o presente e o futuro". (Pier Paolo Pasolini)
- "Culto é aquele que sabe onde encontrar aquilo que não sabe". (George Simmel)
- "O tirano morre e seu reinado termina. O mártir morre e seu reinado começa". (Sören Kierkegaard)
- "Não é fácil ter paciência com aqueles que têm excesso de paciência". (Carlos Drummond de Andrade)
- "O homem é aquilo em que acredita". (Anton Chekhov)

Crisis do casamento revelam que cada época é marcada por uma forma de relacionamento conjugal.

Esposos descartáveis

Frei Barruel de Lagenest
Psicólogo

A grande imprensa publicou recentemente estatísticas preocupantes. Há dez anos, no Brasil, um casal em cada quatro que se casavam oficialmente acabava separando-se definitivamente. Há cinco anos a proporção passou para uma separação em cada três casamentos.

Por que essa fragilidade do casamento? Há muitas respostas – todas provavelmente com uma parcela da verdade. Há a influência da civilização do descartável, na qual esposo e esposa parecem ter-se tornado sempre substituíveis. Muitos casamentos se dissolvem também pela primazia do dinheiro ou por problemas relacionados com ele, como o desemprego, que reduz pessoas à humilhante situação de mendigas do trabalho. A onipresença do sexo é outro problema.

Mas provavelmente os casais que conscientemente ou não, procuram enfrentar a realidade não somente resistirão às tensões que porventura se manifestarem, mas se tornarão sempre mais aptos a aprofundar o amor.

O casamento tomou, em nossos dias, uma feição nova no seio da

sociedade. Outrora vigorava quase sempre o casamento-dominação. Um dos esposos dominava o outro. Habitualmente era o homem quem mandava, pelo menos fora de casa. Às vezes a mulher também mandava, mas sempre dentro de casa.

Depois veio um outro tipo de casamento: o casamento-união. Os dois entrosados, bem unidos dentro de um verdadeiro e profundo amor mútuo, chegando a uma quase despersonalização de cada um em favor do casal com suas funções e prerrogativas. Ele trabalhava para sustentar materialmente a família, ela gerenciando o lar para o bem-estar de todos.

Diferente

Agora parece vigorar um novo modelo de casamento, o casamento-associação. Cada um dos esposos tem seu trabalho profissional, seu dinheiro, suas obrigações, suas amizades, sua maneira de se divertir etc. Não pretendem renunciar a nada disso. Desafio difícil de ser enfrentado, até porque não existe ainda, para esse tipo de casamento, um modelo

que sirva de exemplo. O "casamento-associação" é uma verdadeira novidade.

A realização de uma união harmoniosa, em tais condições, é deveras difícil. Torna-se necessário modificar profundamente o compromisso dos esposos. Primeiro porque, não havendo mais "tarefas masculinas" e "tarefas femininas" claramente definidas, tanto dentro do lar como fora dele, o ritmo da vida deve ser organizado de maneira diferente.

Há diferentes horários, momentos da dedicação ao trabalho profissional, preocupações de cada um e de ambos como casal. Situação sensivelmente agravada quando a esposa ganha mais que o marido: por um resquício de situações conjugais passadas, o dinheiro feminino é freqüentemente mal aceito pelo marido.

Identidade

Esse fato encobre um problema psicológico muito profundo. Neste novo tipo de casamento, para fazer jus a todas as suas obrigações, cada um dos esposos deve fazer um esforço para integrar sua identidade

em plenitude. O homem tenta assumir a sua parte feminina e a mulher a sua parte masculina, sem deixar, é claro, ele de ser homem e ela de ser mulher.

Bem longe tanto do "machismo" tradicional como do "feminismo", a saída será situar-se, cada um, na aceitação plena da sua identidade, muito mais complexa e matizada do que se poderia imaginar. Nem o homem nem a mulher podem agora aceitar ser mutilados, ele da sua parte feminina, ela de sua parte masculina.

Nessa perspectiva, há dois modelos de casais possíveis. Pai e mãe fazem mais ou menos as mesmas coisas, tanto fora como dentro do lar, e um outro modelo, no qual a participação permanece igual, mas com tarefas diferentes, ela lavando roupa e ele manipulando o aspirador, por exemplo...

E poderemos, então, esperar não somente que a taxa de separações diminua, mas que a santidade da vida conjugal, que consiste na perfeição do amor mútuo, seja uma realidade vivida no cotidiano a dois.

O autor é sacerdote dominicano, psicólogo especializado em terapia conjugal. Artigo extraído de "Família & Vida".



CENTRO DE ORIENTAÇÃO FAMILIAR – COFAM
Órgão do MFC

Serviços de atendimento e formação em terapia familiar e atendimento psicológico.
Serviços de pesquisa e documentação.

Av. Joana Angélica, 79 – Nazaré
Salvador, Bahia - Tel. (071) 242-5959

O desemprego é um dos problemas mais candentes e complexos da sociedade atual.

(Tema da Campanha da Fraternidade de 1999).

Falta emprego, sobra discurso

Costanzo Donegana

“Não somos agência de emprego”, declarou o presidente da empresa gerenciadora do transporte urbano de São Paulo, enquanto comentava a implantação de catracas eletrônicas nos ônibus: 342 máquinas que ocupam o lugar de 843 pessoas. É verdade que essas pessoas não perderam o emprego; mas o receio de futuras demissões levou os cobradores a fazer uma greve de protesto. Um fato simbólico de uma sociedade onde a guerra da máquina contra o homem provoca vítimas sempre mais numerosas.

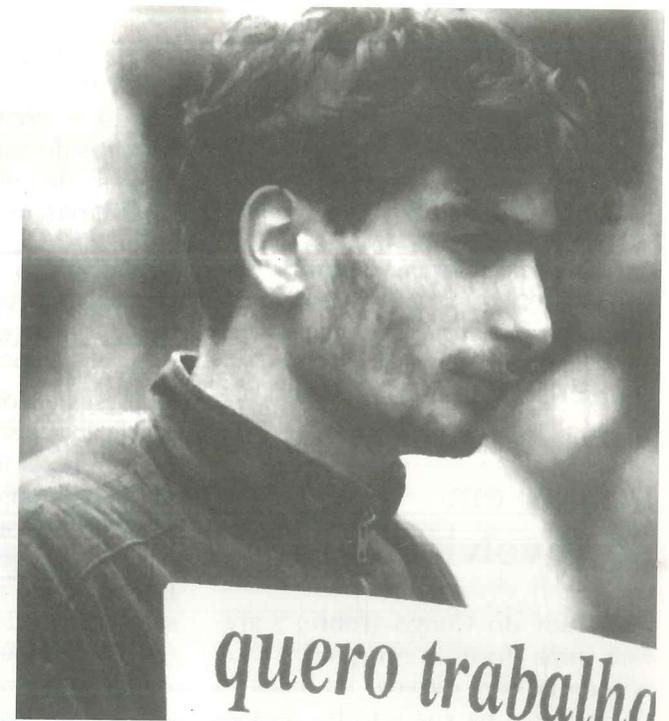
O desemprego é um fenômeno mundial e em aumento: segundo o relatório de 1997 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), um bilhão de pessoas no mundo não têm emprego ou estão subempregadas. No Brasil, nos dois primeiros anos de implantação do Plano Real (julho de 1994 a dezembro de 1996), 755.379 empregos formais deixaram de existir. Esses dados do Ministério do Trabalho foram fornecidos pelas próprias

firmas. De acordo com cálculos do IBGE, a taxa de desemprego dobrou de 1994 a 1998, atingindo o nível mais alto desde o final do período militar. No mesmo quadriênio a indústria registrou um aumento de produtividade de 34%. Esse crescimento pode ser creditado mais às demissões do que à expansão da produção.

Segundo a lógica do sistema neoliberal, que coloca a economia acima de tudo, as demissões são um dos meios necessários para garantir a “saúde” do sistema produtivo: quando a empresa não consegue enfrentar a concorrência e é ameaçada pelos juros altos, uma solução fácil é cortar empregos.

O desemprego, porém, não resolve o problema da empresa, já que no Brasil o custo da hora trabalhada é muito baixo: em 1996, era de 0,93 dólares, contra 1,48 na Argentina e 4,58 nos EUA. A participação dos salários no valor agregado da indústria brasileira é também uma das mais baixas do mundo:

São muitas as causas do desemprego crescente no mundo. A mais evidente é o avanço tecnológico com a automação, a informática, a robotização das fábricas. Mas esses avanços, por sua vez, decorrem da competição econômica agora globalizada, ática, selvagem, subordinada exclusivamente às leis do “deus” mercado.



23%. No Panamá é de 37%, na Índia 38%, na Itália 69% e de 71% na Noruega. Isso significa que o peso da mão-de-obra no custo da produção no nosso país é muito pequeno. Por conseguinte, não se justifica demitir para melhorar a produtividade.

Desafio da tecnologia

O problema do desemprego é muito complexo e suas causas variam segundo a situação de cada país ou região. Mas há uma série de causas que têm um denominador comum: a revolução tecnológica.

A informática aumentou a produção com menos mão-de-obra e gerou um processo frenético de inovação, que condena à morte por

velhice precoce os produtos que pouco tempo antes eram novidade. O trabalhador é vítima desse processo enquanto não consegue se reciclar. Acrescente-se a esse quadro a enorme desvalorização das matérias-primas frente à introdução dos novos materiais. Por exemplo, trinta e dois quilos de fibra óptica têm a capacidade de transmitir a mesma quantidade de mensagens que uma tonelada de fio de cobre. Isso significa fechamento ou redução drástica das minas de cobre. Isso significa fechamento ou redução drástica das minas de cobre com demissões em massa. Desta maneira, países cuja economia se baseava principalmente sobre a exportação de uma única matéria-prima, como Bolívia (estanho), Chile (cobre) e República De

Os avanços tecnológicos exigem maior escolaridade e qualificação profissional, inteligência mais desenvolvida, o que é meta distante no mundo em desenvolvimento.

mocrática do Congo (cobre) sofreram uma forte contração na sua economia, com dezenas de milhares de mineiros na rua e fortes tensões sociais.

Por outro lado, as novas tecnologias exigem capacitação técnica, contínua requalificação para acompanhar as transformações incessantes, conhecimento de línguas e uma sólida base cultural, sobretudo matemática. O valor real de uma empresa e de um produto depende sobretudo das idéias e informações acumuladas na cabeça dos técnicos e nos bancos de dados. Isso, evidentemente, gera uma seleção, que castiga os trabalhadores menos preparados tecnologicamente.

Também na agricultura, que no Brasil privilegiou o modelo agro-exportador de alta tecnologia, quem pagou o preço mais alto foi o trabalhador, obrigado a migrar para a cidade na ilusão de encontrar uma vaga num mercado que já fechou suas portas.

Um fenômeno que cresce cada vez mais é a financeirização do mundo - circulação rápida e sem barreiras do capital -, que aumenta através de operações financeiras parasitárias, as quais não produzem quase nada em bens e serviços e reduzem muitos postos de trabalho. O capital é cego e não obedece a nenhuma lei; domina a política, dita as regras de comportamento das empresas e dos Estados, ignorando as exigências sociais das nações.

Tudo isso incide na organização das empresas obrigadas a se reestruturar radicalmente: é a chamada "reengenharia das empresas". Este processo provoca uma redução significativa de vagas de empregos (de 40 até 75%) e do emprego regular, dando preferência ao trabalho em tempo parcial, temporário ou subcontratado.

Terceiro setor

Segundo a lógica do sistema neoliberal a principal proposta para fazer frente a essa situação é o crescimento ou a redução econômica.

Mas o maior problema não é aumentar ou diminuir a produtividade, mas redistribuir seus benefícios. É extremamente perigoso querer aplicar o critério da produtividade em tudo como se tivessem valor só as pessoas e as atividades "eficientes".

Outras propostas vão na direção da solidariedade. Existe atualmente uma forte concorrente de estudiosos que vê na economia solidária uma alternativa ao capitalismo. Neste contexto são valorizadas as pequenas empresas: "A mi-

croempresa - afirmava o sociólogo Herbert de Souza (Betinho) - é uma solução política, porque tem a dimensão da possibilidade humana. A prova disso é que, de cada dez empregos criados no Brasil, seis são oriundos deste setor. Não se trata de tornar grandes as microempresas, mas de multiplicá-las aos milhares por todo o planeta". E de criar uma rede de cooperação e de intercâmbio entre elas.

O modelo capitalista do trabalho como emprego dentro do mecanismo trabalho-produção-salário está em crise; mas isso não significa uma crise do trabalho em si. Os estudiosos já estão reconhecendo o *Terceiro setor* da economia como gerador de trabalho, ao lado do mercado e do Estado. Este setor compreende o trabalho familiar, como o das mães de família; o trabalho social, como a dedicação aos doentes, idosos, prisioneiros, deficientes e outros sofredores; o trabalho ecológico, como a preservação da natureza e do meio ambiente.

Não falta trabalho da nossa sociedade. Segundo o texto-base da

Campanha da Fraternidade, "é preciso, porém, encontrar meios e caminhos para financiá-lo, redistribuindo a riqueza social (...). As novas ocupações enquadradas no Terceiro setor indicam que a sociedade pode tornar-se mais humana e mais capaz de futuro, 1ª medida que valoriza, inclusive financeiramente, independentemente do trabalho assalariado, as oportunidades de sustento seguro, os contatos sociais e de desenvolvimento pessoal.

Existem muitas outras possibilidades e propostas na luta contra o desemprego: uma profunda reforma agrária, a diminuição da jornada de trabalho sem diminuir o salário, a redução ou o fim das horas extras, uma política voltada para o mercado interno, através da distribuição de renda. Mas, sem dúvida, só uma economia baseada sobre a solidariedade, a participação e a comunhão pode garantir um futuro digno para o homem.

Extraído de "Cidade Nova", revista do Movimento dos Focolari.

- @ Como está a situação do emprego na cidade? O que sabemos sobre esse problema?
- @ Quais as razões para o crescimento do desemprego no Brasil e no mundo?
- @ O que podemos fazer para aliviar o desemprego na cidade? O que depende de nós, ainda que em pequena escala? O que depende das empresas e dos governos?
- @ Como vivem os desempregados que talvez conheçamos? Têm salário-desemprego que os sustente? Precisam de ajuda? O que se pode fazer concretamente para ajudar os desempregados na cidade?
- @ O que sabemos sobre cooperativas de trabalho? Como são criadas e o que promovem? Existem em nossa cidade? Pode ser uma solução para aliviar o problema?



"Suporta-se com muita valentia a dor no fígado alheio". (Machado de Assis)

A mais escandalosa concentração de riqueza: os 358 homens mais ricos possuem o mesmo que os 2,3 bilhões de pessoas mais pobres do mundo!

Dai-nos o pão de ontem

Frei Matias,
Frade dominicano, Lisboa, Portugal

Celebraram-se no mundo os 50 anos da assinatura da Carta dos Direitos Humanos. Pelo menos no mundo que a subscreve e reconhece como declaração da igualdade essencial entre todos os seres humanos.

Mas há sempre um problema em todas as declarações: o discurso vai muito à frente da prática e nem sempre está no horizonte em direção ao qual se afirma caminhar. Muitas vezes as afirmações são como o fumo frio nos palcos, servem apenas para disfarçar ou abrihantar a realidade.

Por toda a parte se clama contra a distância entre os discursos e a prática, tanto no espaço público como no privado. Nos serviços domésticos e nas relações afetivas como na ação política e nas medidas sociais, nos tempos destinados ao lazer como no desempenho profissional, é o mesmo o protesto dos que ocupam o lugar de vítimas.

Mas o problema principal não está na relativa realização daquilo que afirmamos, desde a vida

privada à vida pública, se essa limitação for uma etapa de um caminho sempre em processo. A questão está quando se afirma para não se fazer, para simular uma realização, para tranquilizar a consciência. Ou, pior ainda, para desviar as atenções da transgressão daquilo que se diz.

Tais atitudes geram ceticismo nas pessoas e tiram força às declarações teóricas, às afirmações de princípios, às formulações legislativas. E afetam os processos de superação das desigualdades e injustiças. Isso é tanto mais grave quanto sabemos que as desigualdades e injustiças estão todas interligadas.

O bem estar de alguns milhões de seres humanos, entre os quais estamos nós, assenta no mal estar de outros milhões. Sem falar do mal estar do resto da criação. E não há necessidade. Hoje está por demais provado que é possível produzir e distribuir bens essenciais para uma vida alimentada, com saúde e estável de toda a população mundial.

Que o mundo rico vive afogado em excessos e excedentes, e perdido num labirinto sem saída de necessidades artificiais, está à vista a olho nu. A imagem que o mundo rico dá aos pobres é a de um paraíso para os ingênuos, um purgatório para os conscientes, um inferno para os que o sofrem. Um escândalo.

Como se pode aceitar com serenidade que os 358 homens mais ricos do mundo superem o rendimento anual do conjunto dos países que comportam 45% da população do planeta, isto é, 2,3 bilhões de pessoas? Não é preciso dizer onde se situam esses países. Estão à vista todos os dias nas notícias que nos falam de guerras, fome e morte.

Porque há melhores equipamentos tecnológicos e militares, a África continua a ser, mais que no tempo das colônias, o lugar da rapina sem qualquer ética nem lei. Melhor dito, é o lugar onde o único desentendimento entre as potências é sobre o tamanho da porção que toca a cada uma. Onde os conflitos são fabricados e alimentados com esse fim.

Escândalo dos escândalos ou "abominação da desolação" é, depois de muitos engenhos, os países ricos terem inventado a engenharia de investimentos que torna os países explorados devedores dos países exploradores. Chama-se a isso dívida externa.

Primeiro que tudo, planetariamente falando, não pode haver dívida externa. Como para nós cristãos, tal como para muitas outras correntes de pensamento religioso e político, a criação é de todos e para todos, o que há é açambarcamento



Deus criou o mundo para todos e não para alguns. Por isso é intolerável a concentração de riqueza nas mãos de poucos enquanto multidões morrem de fome todos os dias.

dos bens que são de todos. Ou, de outra maneira, há milhões de seres humanos escorraçados dos bens que a todos pertencem.

Isto torna-se literal nas multidões que chegam às periferias das cidades expulsas do campo. Das multidões que são expulsas para lá de fronteiras que nem conhecem ou impedidas de entrar em fronteiras que foram feitas sem disso saberem.

A dívida externa seria um tema de morrer de rir se não fosse a causa da morte de tanta gente. Todos os países pobres estão, de uma maneira ou outra, afetados por esse engenho ainda mais mortífero que os engenhos de açúcar do tempo das colônias. E quase tudo é hipocrisia no debate que a rodeia.

Qualquer Disneylândia de Paris ou bombardeiro americano pagaria a dívida dos 21 países mais pobres. Dos 41 países selecionados pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) e Banco Mundial, em 1996, para serem socorridos, apenas cinco receberam aval para se submeterem a esta terapêutica. Por quê? Porque há condições e requisitos a cumprir.

Bem sabemos que não é fácil. E também que há muitos pro-

blemas para o sistema. Mas como para nós o problema é o sistema, preferimos estar do lado de quem não tem nada a perder. De quem sofre hoje a falta do pão que há muito não como e que, por isso, nem pode pedir "o pão nosso de cada dia", mas o pão há muito tempo em atraso.

E há um bilhão de seres humanos que sofrem dessa falta ainda antes de terem nascido, no limite entre a fome e a morte, com carência de tudo, até de saberem que há alimento no mundo e água na terra para todos.

Há gente organizada no Primeiro Mundo para, no mínimo, denunciar esta situação. O mínimo que se pode fazer é ter uma atitude ética perante tal realidade e exprimi-la. Felizmente, temos muitos lugares onde afirmar que a dignidade da pessoa humana é anterior e superior às leis do mercado. Estas só têm razão de existir em função de todos os seres humanos em todos os tempos e lugares.

Extraído de "Fraternizar", publicação editada em Portugal.

@ Há mesmo desigualdade social na nossa cidade?

@ Exemplos que confirmam ou desmentem essa afirmação.

@ Se temos empregados ou pessoas que nos prestam serviços, os salários que pagamos são suficientes para que tenham uma vida digna?

@ O que é preciso mudar nos nossos comportamentos pessoais e familiares, na relação com as pessoas que nos prestam algum tipo de serviço?

@ Somos capazes de ver o mundo pelos olhos dos mais pobres?

@ A que se deve a desigualdade social e econômica no nosso país? E no mundo?



"Quando o dinheiro fala, a verdade cala". (Provérbio chinês)

Temos vivenciado na própria carne ou temos um irmão, uma amiga, um companheiro de trabalho que se separaram, divorciaram e casaram pela segunda vez.

Talvez também tenhamos dado ou recebido solidariedade e conselhos em momentos de dor e angústia. Quando se rompe um casamento, sentimos que são muitos os mundos que desmoronam.

Divorciados recasados

Wolfgang Birk
Presbítero, Alemanha

Este não é um tema menor na Igreja de hoje. A situação atual de muitos católicos praticantes que se casaram pela segunda vez nos preocupa por se ter tornado comum na nossa sociedade.

Estatísticas recentes mostram que aproximadamente um de cada três casamentos termina em divórcio. E que quase metade dos divorciados voltam a se casar pela segunda vez.

Destes, 38% são católicos. Se se incluem também aqueles que se casam com uma pessoa divorciada,

é correto dizer que o divórcio e segundo casamento deixaram de ser um problema periférico e se tornaram um tema central dentro da Igreja. Problema que questiona a maneira pela qual a Igreja o vem tratando.

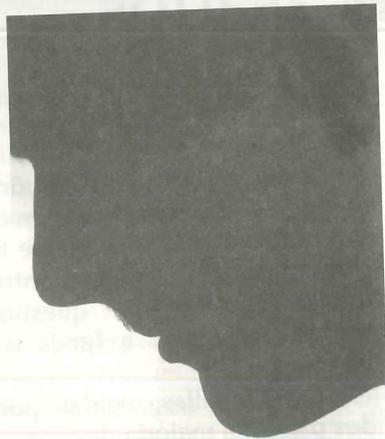
As famílias regidas por um dos pais – na maioria das vezes pela mulher – vivem frequentemente na linha de pobreza, experimentando isolamento, discriminação, perda de relações e de *status* social.

Muitas dessas mulheres se vêem forçadas a aceitar empregos

abaixo do seu nível e aptidões, com baixos salários e pouca segurança. Vivem assoberbadas até os limites de suas capacidades pela carga tripla de criar filhos, manter a casa e ganhar para o sustento da família. Se a tudo isto se acrescenta a dificuldade de encontrar quem cuide dos filhos e o suficiente apoio e solidariedade, então se terá uma idéia de como pode ser cruel a vida para uma família com essas características.

A crise existencial criada pelo fracasso do casamento – que se expressa por apatia, depressão, angústia, preconceitos, raiva, amargura, desconfiança em si mesmo e sentimentos de culpa – pode ser tão perturbadora como a mudança das circunstâncias externas.

Dado que não há tempo para contornar a crise, as pessoas enfrentam a dor e as queixas colo-



cando-se uma cara de valente para continuar funcionando, ao menos, como pais e trabalhadores.

Também os filhos necessitam atenção especial. Não é para eles muito fácil compreender a nova situação e costumam culpar-se a si mesmos pelo que aconteceu. Por outro lado, freqüentemente, se vêm forçados a atuar como muro de contenção entre pai e mãe.

É fácil entender por que as pessoas nessa situação se apressam a casar-se novamente.

Infelizmente não levam em conta que nessas condições, um segundo casamento que começa sob a pressão daquelas difíceis condições pessoais, sociais, econômicas, muito antes que o trauma da separação e do divórcio tenha sido resolvido.

Discriminação na Igreja

Os cristãos divorciados que voltam a se casar vivem com dificuldade e *stress* o seu lugar dentro da Igreja. Sabem que, de agora em diante, suas vidas não estarão de acordo com o magistério da Igreja sobre a indissolubilidade do matrimônio.

A maioria dessa pessoas sentem que a Igreja os abandona, exclui e rebaixa moralmente. Vão perdendo o sentimento de valia pessoal e as certezas sobre a sua fé se vêm ameaçadas. Muitos têm a impressão de que, para a Igreja, seu novo casamento não nenhum valor diante de Deus: nem humano, nem moral, nem religiosos. Seus novos cônjuges, com quem repartem esses problemas, sentem que, por sua vez

são castigados e vêem a atitude da Igreja como desnecessariamente dura.

É comum que os que voltaram a casar-se tenham pouca esperança de se sentirem valorizados e benvidos, por exemplo, na comunidade paroquial. "Estou excomungado". Isto não é verdade, mas não é fácil para um laico fazer a fina distinção ideológica entre *ser excluídos dos sacramentos* e *ser excluídos da Igreja*.

Alguém a quem não se permite tomar parte na Eucaristia no momento da comunhão se sente excomungado, independentemente do que diga a teologia a respeito.

É portanto fácil entender que essas famílias se sintam desacreditadas pela Igreja, tenham dificuldades com a educação dos religiosos dos filhos e, portanto, problemas em celebrar e transmitir sua fé.

Tenho sido testemunha do quanto sofrem as crianças quando seus pais são considerados "cidadãos de segunda" na sua comunidade. As crianças percebem isso especialmente nos acontecimentos emocionalmente fortes, como na sua primeira comunhão.

A necessidade de uma mudança de coração

É à luz desta situação que acabo de descrever que mantenho que a Igreja fracassou na sua missão de reconciliação. E é aqui que sustento que uma mudança de coração é fundamental.

O casamento em segundas núpcias é a única penalidade sancio-

onada para toda a vida, na tradição penitencial da Igreja. Em nenhuma outra situação, nem mesmo no crime de morte, é tão definitiva a exclusão da vida dos sacramentos e sem limite de tempo. Os assassinos, os pais que violam suas filhas, os maridos que maltratam suas esposas durante anos, todos eles vão à mesa do Senhor, logo em seguida à absolvição no confessionário. Eles podem receber a comunhão, mas não o divorciado recasado.

Repetidas vezes vejo que a conduta de alguns membros da Igreja para com os divorciados que voltaram a casar está muito marcada por ansiedades sobre o seu próprio casamento ou por uma espécie de inveja daqueles que parecem ter escapado das dificuldades e desilusões de uma relação.

Isto cria um ambiente hostil em que o descontentamento e a



Quem se vê excluído da Eucaristia se sente excomungado da Igreja, pouco valendo as explicações da teologia sobre a sutil distinção entre uma coisa e outra.

amargura próprios de uma determinada pessoa desafogam sobre outros. E afirmo que não será possível operar uma mudança de coração algum, enquanto não terminem tais projeções.

Diante de Deus, não há nenhuma situação da vida que transcenda a redenção. Diante de Deus, ninguém é desvalorizado nem depreciado. E menos ainda abandonado, ainda que no curso de sua vida, a pessoa se faz *añicos* irrevogavelmente.

Êxito e fracasso

Estou firmemente convencido de que o fracasso é parte inevitável da existência humana. O êxito y o fracasso de uma relação não são alternativas completas. Ser bem sucedido numa das dimensões da vida pode conseguir-se à custa de não o ser em outros aspectos. A reconciliação tem lugar quando de alguma maneira se aceitam e se integram o êxito e o fracasso à própria vida.

Se os divorciados e aqueles que voltaram a se casar atravessaram esse processo de reconciliar-se com a sua vida como ela é, com seus êxitos e fracassos, voltam a participar dos sacramentos, com base na sua consciência e sua decisão, então deverão ser respeitados por todos os membros da Igreja. Aprendi que divorciados recasados costumam medir a seriedade com que a Igreja fala quando ensina sobre o perdão se, ao fim do processo de reconciliação, a comunidade religiosa é capaz de reabilitar-lhes a pertença à comunidade e lhes permite participar na sua vida sacramental.

Uma saída falsa

Nunca esquecerei o rosto radiante de um membro de um tribunal matrimonial que, ao se convencer de que não podia realmente ajudar no que pedia o casal para participar nos sacramentos, disse que agiria com base na suposição de que em torno de 80% dos casamentos na Igreja eram inválidos, porque casais jovens simplesmente aceitaram o sacramento sem dar-se conta do que ele realmente envolvia. Isto lhe fez possível ajudá-los logo, concedendo-lhes a anulação ou reconhecimento da nulidade.

Não creio que essa saída seja uma boa solução para que os divorciados recasados voltem a participar dos sacramentos. Afinal, o primeiro matrimônio era autêntico. Os tribunais matrimoniais não resolvem o problema. E nós, os pastores, estamos demasiado apressados em casar todo mundo.

O matrimônio é um processo

O matrimônio não é de condição estática. É um processo. Na Igreja transmitimos imagens muito idealizadas do que deveria ser o matrimônio, orientadas ao "nós" do matrimônio e ao desejo de harmonia, ignorando, por completo, o aspecto do desenvolvimento. De fato, o matrimônio é um processo que dura toda a vida, numa associação que envolve intimidade e estados de separação, preservando a

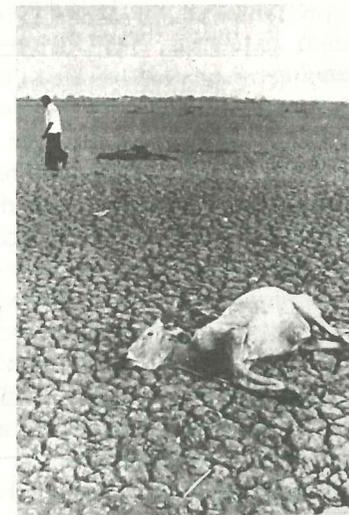
@ *Conhecemos casos de divorciados que voltaram a se casar? Como avaliamos a situação que enfrentam?*

@ *Como nos colocamos em relação às idéias do autor deste artigo? Algo deve mudar nas normas e posturas da Igreja em relação aos casais nessa situação? O que podemos sugerir?*

@ *Como essa questão é tratada nos movimentos familiares cristãos?*

O drama da seca continua.

O que mudou foi um esperto expediente montado pelo governo e que merece aplausos. Um duro golpe na famosa e tradicional indústria da seca. A ajuda do governo às populações mais atingidas cresceu e agora chega às mãos das famílias diretamente, sem a intervenção de políticos e ladrões que desviavam dois terços da ajuda pelos caminhos e descaminhos das liberações e transferências de dinheiro e do roubo direto de mantimentos depois vendidos à população. O transporte é feito por batalhões militares, rigorosamente controlados. Nas cidades, um conselho integrado pelo juiz, o padre, a diretora da escola e líderes comunitários recebe e encaminha os recursos diretamente para as mãos das famílias.



individualidade e respeitando a privacidade do outro. Em outras palavras, praticando uma série de pequenas separações. Num casamento baseado somente em receitas de "com ele", "para ele", e "através dele", a ruptura não está distante.

Temos que ensinar tudo isto aos jovens, nas nossas comunidades religiosas, antes de casá-los na Igreja.

O autor é presbítero, trabalha numa paróquia de um bairro da periferia de Stuttgart, Alemanha. É Diretor de um centro de orientação que oferece apoio através de telefone e serviços de ajuda matrimonial. Publicado em "Theology Digest", 43, 1996.

A pobreza evangélica é servir e partilhar dignidade para que as pessoas saiam da sua situação de miséria e degradação humana

Os ricos não entendem os homens

Arlindo Ribeiro da Cunha

Presbítero da Comunidade Cristã de Serra do Pilar, Portugal

Em relação à pobreza, como em relação à humanidade, há um montão de equívocos. A gente tem de arranjar outras palavras, tem de conseguir dizer hoje doutra maneira o que palavras gastas já não conseguem exprimir. *Homo* (homem) e *humilitas* (humildade) têm etimologicamente a ver com *humus* (terra/chão, em latim). O homem é feito de *humus*, e todo aquele que respeita a dignidade (sacralidade) da sua própria condição e da condição dos outros respeita a sua própria verdade (a humildade é a verdade).

No entanto, diz a Escritura, Deus formou o *homo* do *humus* (Gn 2,7), mas para o levantar do pó e do esterco, fazendo-o sentar como os príncipes e dar-lhe um trono de glória (1Sam 2,8). "Elevar o homem à participação da vida divina", diria o Vaticano II (LG 2).

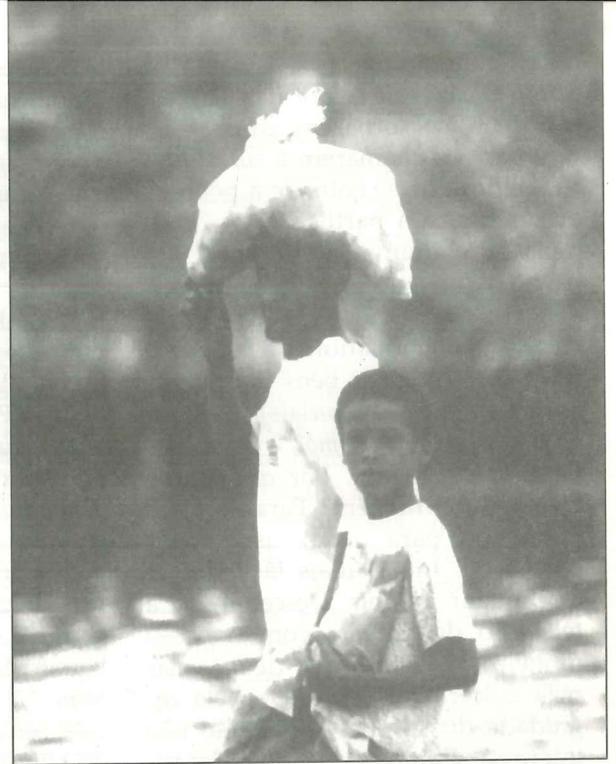
Há aqui duas coisas. A primeira é que a vocação do homem

consiste em ele levantar-se do pó e do esterco; e a segunda é que, por isso, nenhum homem pode calcar com as botas da arrogância, da soberba, da vaidade ou da injustiça, o outro homem. Que o homem se levante, com toda a sua dignidade e capacidade, e que o homem não amarre nenhum outro homem a uma indignidade, qualquer que ele seja. "Salvar a pessoa do homem e restaurar a sociedade humana... a fim de instaurar a fraternidade universal que corresponde à vocação de todo o homem" (GS 3).

Sem isto não há Homens, sem isto não há dignidade humana, sem isto não há direitos humanos.

Para nós, os cristãos, depois de Jesus, por maioria de razão. As nossas relações com Deus estão indissolivelmente ligadas à maneira como nos relacionamos com os outros: "tudo o que fizerdes a um destes mais pequeninos...". Nenhum

Como pode entender o pobre quem não sabe quanto custa um quilo de arroz, e o que esse preço representa para quem ganha um salário-mínimo ou vive de uma ridícula pensão de velhice?



homem pode dizer que respeita Deus e que se respeita a si mesmo, se despreza os outros, ou um que seja dos outros. Só um homem entende os homens, que nenhum super-homem é capaz de o fazer.

É por isso que os ricos não entendem os homens; é por isso que não se pode admitir que "as 358 pessoas mais ricas do mundo disponham dos mesmos bens que 2,3 bilhões de semelhantes seus", por muito que esta afirmação seja também feita doutros quadrantes políticos e ideológicos, porque é verdadeira.

Depois de Jesus, não há verdadeira religião sem o homem: "a religião pura e sem mancha aos olhos de Deus e nosso Pai é esta:

visitar os órfãos e as viúvas e conservar-se puro da corrupção deste mundo" (Tg 1,27), também neste capítulo. Órfãos e viúvas eram os maiores pobres (não-homens) do tempo.

Só um homem entende os homens; nenhum super-homem entende os homens. Como pode entender um pobre quem não sabe quanto custa um quilo de arroz para quem tem o salário mínimo nacional, ou uma pensão de velhice ridícula? Como pode entender um desempregado quem teve sempre emprego, e bem pago?

Só um homem percebe um homem. Vistos de cima, os homens parecem formigas, mas não se distinguem dos animais. Os ricos nun-

ca entenderão os pobres, se não forem capazes de se por na sua pele, não para se tornarem como eles, mas para os chamarem à sua riqueza. É aqui que se entende a pobreza evangélica, e a partilha, e a comunhão ou comunicação de bens. Repartir o Ter (isto é, os bens materiais), o Poder (isto é, assumi-lo exclusivamente em atitude de serviço) e o Saber (repartir bens doutra ordem, que não só materiais).

Cur Deus homo? - perguntava a Idade Média. Por que é que Deus se fez homem? Para se fazer pobre, ou para puxar os homens para si? É muito mais fácil descer que ajudar a subir. Descer desce a televisão do Estado, com o nosso dinheiro, o Estado que devia velar pela cultura dos pobres e pela dignidade dos pobres. Não! Isso não interessa. Como pode haver alguns-muito-ricos, se não houver muitos-muito-pobres? Por isso é que, nos séculos XII e XIII, depois da pergunta de Santo Anselmo (séc. XI), a questão da pobreza irromperia violentamente na Igreja até à síntese dos mendicantes.

A pobreza evangélica não se confunde com miserabilismo: vamos descer aos pobres para sermos como os pobres? A pobreza evangélica é servir e (re)partir, partilhar e distribuir dignidade, sobretudo e também capacidade de que um homem saia da sua situação de miséria e de degradação humana. Foi só para isso que Deus se fez homem. E quem disser o contrário não percebeu nada do mistério da encarnação. Deus não se fez homem para morrer na cruz. Porque se fez homem é que morreu na cruz, para dela nos liber-

tar. A pobreza de Deus e do seu filho Jesus foi apenas uma exigência de comunhão com os homens – os pobres, que os ricos não precisam que comunhem com eles para lhes dar consciência da sua dignidade e da sua vocação. Deus não perdeu nada de si para descer aos pobres; mas ganhou para si os pobres: “aos pobres é anunciada uma Boa Nova” (Mt 11,5).

Por isso ainda é que, no séc. XIX, a questão dos pobres, que eram ao tempo os operários, levou a que, já no nosso século, se chegasse ao conceito de Encarnação, nomeadamente ao tempo dos padres operários. Encarnar, incarnou o Cristo e, com ele e por ele, “todos nós recebemos da sua plenitude” (Jo 1,16). Mas “A nossa grande dificuldade está sempre ligada com o Mistério da Encarnação. Não conseguimos aquilo que Deus já fez: ligar o Céu e a Terra, Deus e o Homem, unir os interesses dos homens e os de Deus, fazendo-se ele próprio um homem, assumindo toda a sua vida, dinâmica, limitações, pecados, grandezas e possibilidades. (...) Jesus Cristo não recebeu arriscar na encarnação. Sendo Deus aceitou limitar-se a um homem. Sendo eterno, aceitou limitar-se num tempo da História. Estando presente em toda a parte, como diz a doutrina, aceitou viver confinado num lugar. Sendo onipotente, aceitou o desafio da fraqueza e da pobreza, aceitou pertencer ao povo dos pobres e dos fracos, dos não detentores do poder e da riqueza; e aceitou tomar riscos concretos que lhe valeram inimizades mortais”.

Mas se Jesus incarnou para salvação dos homens, também nós

temos de acreditar “que a encarnação na vida dos homens é fundamental para participar em trabalhos de libertação. Talvez pelo fato da nossa encarnação ainda não Ter ido até fronteiras mais ousadas é que ainda participamos tão pouco em experiências de libertação”.

Temos andado a exigir humildade aos humildes e obediência a quem não tem poder. Deixamos a terra na mão dos ricos e prometemos o céu aos pobres, quando foi o Senhor que disse que “os pobres serão saciados” (Mt 5,4) e “os fartos vão saber o que é a fome” (Lc 6,25). O Reino de Deus remetemo-lo para o céu, adiamo-lo para o fim do mundo, quando o Senhor nos disse que ele “está no meio de vós” (Lc 17,21).

É verdade que há pobres que são tão pobres – e hoje são cada vez mais, *pobreza antropológica* – que, sem mais, já não são capazes de sair da sua pobreza: “aquele que vem da terra é terreno e só fala de coisas terrenas” (Jo 3,31). Mas também é verdade que só os pobres são capazes de Graça e de Verdade. Ou será que ao publicano foi difícil reconhecer-se pecador? Não foi, não. O fariseu é que se mostrou incapaz de compreender a consciência e a dignidade de um pobre, justificando-se ante os seus próprios olhos e ainda por cima considerando-se

superior a um publicano, paradoxalmente o único capaz de Graça e de Verdade.

Enquanto houver ricos e enquanto houver pobres, há humanos que não são homens. E a maior parte dos pobres são feitos pelos ricos. E para salvar os pobres e para salvar os ricos é que Deus se fez homem, veio cá abaixo, abrir portas e mostrar que é possível até que um filho de Deus, despojado de poder e de riqueza humana, pode ser confundido com um criminoso.

“Cristo Jesus, que era de condição divina, não se valeu da sua igualdade com Deus, mas aniquilou-se a si próprio. Assumindo a condição de servo, tornou-se semelhante aos homens. Aparecendo como homem, humilhou-se (baixou à condição de *humus*) ainda mais, sujeitando-se até à morte e morte de cruz. Por isso Deus o exaltou e lhe deu um nome que está acima de todo o nome” (Fl 2,6-8).

Deus não quer que os homens sejam pobres. Quer é que os pobres se façam homens em plenitude, a partir da sua dignidade e da justiça de todos, e que ninguém seja arrogante e injusto do alto da sua riqueza, nem rico à custa da pobreza seja de quem for.

Extraído de “Fraternizar”, publicação editada em Portugal.

@ Como podemos viver uma solidariedade real com os pobres?

@ É possível a austeridade numa sociedade de consumo?

@ As famílias têm conseguido orientar os filhos contra o consumismo?



“Tudo vale a pena, se a alma não é pequena”. (Fernando Pessoa)

"Marcha à ré pra trás"

Mário Canellas
Pecuarista, escritor

O Laurindo foi passando enquanto eu tirava um cacho de bananas da carroceria da pick-up e, ao me ver, avisou:

"Óia, seu Mário, tô subino pra cima".

"Tudo bem, Laurindo, tá na hora, mesmo. Eu só quero aproveitar para saber por que vocês têm que

dizer subir *pra cima*, sede de *água*, dente *da boca*..."

"Ué, seu Mário, tem que ispricá dereitinho. Nós só lida com inguinorante..."

Da minha parte de dei por satisfeito, devidamente explicado. O Laurindo, porém, longe estava de concordar que eu havia entendido e



resolveu ir mais além. Era uma forma de demorar mais um pouco, antes de "*subir pra cima*", esticando o papo de que ele tanto gosta, principalmente na hora do serviço.

E lá foi ele explicando:

"Óia, farta de ispricação cria cada caso danado. Uma vez tinha uma vaca doente e o patrão mandô um biête pro empregado dele que dizia assim: *apricá na veia*. O empregado entendeu: *apricá na véia*, sentou a injeção na mãe dele e quase manda a dona subi pro céu ou descê pros inferno antes da hora..."

E foi contando fatos e mais fatos onde a falta de explicação bagunçou tudo.

Disse que um dia o encarregado falou para o ajudante:

"*Dá marcha à ré naquele trator antes que ele caia no buraco*". Dentro de instantes o trator estava



no buraco. O ajudante havia puxado para a frente e feito exatamente o que temia o encarregado que, furioso falou: "*Ô, seu animal, eu não disse para dar marcha à ré, que na frente tinha um buraco?*" – e o ajudante, tranqüilamente: "*O sinhô falou marcha à ré mas num disse se era pra trás*".

E o Laurindo falou muito convicto:

"Custava o encarregado falá que era pra trás?"

Duvido que alguém chegando lá em casa e pedindo o *spray* receba o remédio para bicheiras e feridas. Ninguém o conhece por esse nome. Agora, se pedir o "*esguirrichinho*", será imediatamente atendido.

E assim, vamos criando um vocabulário próprio e expressões inteligíveis porque o que se deseja não é pureza gramatical mas que tudo dê certo.

E tem ainda as palavras que eles traduzem como melhor entendem. E por falta de explicação, dá uma confusão danada.

Na Granja Mirim, trabalhava o Baninho, nanico, falante, perguntador, fofoqueiro e sempre pronto para aproveitar qualquer palavra, mesmo que não lhe conhecesse o sentido. Estourada a "*revolução*" de 1964, desceram as tropas de Minas para "*jantar*" o Jango, e subiram as tropas do Estado do Rio exatamente para enfrentar os mineiros. O encontro não poderia se dar em lugar mais apropriado: na ponte do Paraibuna, limite dos dois Estados. Ficaram os fluminenses de um lado e os mineiros do outro.

Enquanto isso, estavam interdidas a ponte e, conseqüentemente, a estrada. A Fazenda Mirim fica exatamente a oito quilômetros da ponte, do lado de Minas. Meu pai, na fazenda, ficou preocupado com todos nós da família, que morávamos em Três Rios, do lado fluminense. Nem ele podia vir, nem nós podíamos ir.

O Baninho estava trabalhando no jardim da fazenda, em frente à casa, e papai pediu a ele que, com os que passassem, procurasse saber se a ponte estava desimpedida, dando passagem a veículos.

Na hora do almoço, ao chegar ao jardim, travou-se o seguinte diálogo:

"Então, e a ponte do Paraibuna, já está dando passagem?"

"Tudo liberado, seu Alberto".

E com toda convicção, acrescentou:

"Num passa nem mosquito".

E o Laurindo, que acabava de enrolar o cigarro de fumo de rolo, e ainda não subira "pra cima", como anunciara, conta mais um *causo* onde a falta de explicação complicou:

"Veja o sinhô, seu Mário, quê qui dá a farta de ispricação. O Arbino, negão forte como um touro, era retireiro, e cum ele trabaivava o Zequinha, qui a bem da verdade era muito petulante. O Albino priguntô ao Zequinha qui tava amarrando uma vaca: '*Muleque, quem machucô essa bizerra?*' O muleque respondeu: '*Foi a mãe*'. Levou uma bulacha no pé do ouvido e inquanto caía e rodava pra num apanhá mais

ia gritando: '*A mãe dela, Arbino, a vaca. Foi a vaca*'. Mas já tinha apanhado... Custava dizê de saída: '*Arbino, foi a vaca, mãe da bizerra, qui pisô nela*'..."

E não parava de remontar episódios onde a falta de explicação causou problemas.

"O sinhô num si alembra do causo do Baninho? Pois vô lembrá. Ele tava na venda, cunversa vai, cunversa vem, e ele, qui tinha saído a cavalo sortô a nutícia: '*Óia, gente, canaiada maió do que na casa do seu Chiquinho eu nunca vi*'. O Fagunde, munto futrica, correu e contô pro Chiquinho a ofensa da canaiada. Seu Chiquinho num cunversô. Deu de mão num chicote e saiu catano o Baninho onde ele tivesse. Topô cum ele e foi gritano: '*Arrepete o negócio da canaiada si tu é home!*' E o Baninho, sem vê ofensa ispricô: '*Eu nunca vi tanta cana numa fazenda só. Seus três canaviá tá qui é uma beleza. Nunca vi uma canaiada tão bunita*'... Só aí é qui seu Chiquinho entendeu que era muita cana e num era muito canalha".

E completou:

"Custava ele ispricá qui era uma canaiada *de cana*?"

E o Laurindo foi mais longe:

"E o sinhô mesmo num andô atrapaiado cum dona Rosa quando ela priguntô ao Antonho onde o sinhô tava e ele disse qui o sinhô tava no mato cum a Dejanira, sem dona Rosa sabê qui a Dejanira era uma vaca do seu José, qui tinha caído aqui na fazenda? Inté essa Dejanira sê provada cum os óio de

dona Rosa que era uma vaca, eu sei qui o sinhô foi jurado por dona Rosa. Custava o Antonho dizê qui o sinhô tava cum a vaca Dejanira caída no mato?"



20 mil escaparam com vida no ano passado.

Logo que entrou em vigor o novo Código de Trânsito, há um ano, escrevemos uma matéria nesta revista, prevendo que 20 mil pessoas deixariam de morrer em um ano, salvas pelo Código. Nossa estimativa profética partia de uma intuição, agora confirmada.

Para comemorar um ano de vigência do ainda novo Código de Trânsito, agora baseada em dados apurados no país, a Prefeitura do Rio de Janeiro promoveu uma linda comemoração. Lançou ao espaço, numa manhã ensolarada, 20 mil balões de gás, brancos, para representar as 20 mil pessoas que hoje estão vivas, sem saberem que estariam mortas se não fosse o Código.

O nosso número se confirmou.

Mas ainda morrem muitos: cerca de 30 mil. Por imprudência, álcool, drogas, indisciplina criminosa. O policiamento tem que ser redobrado. As multas são muito elevadas. Garantem uma arrecadação que paga folgadoamente a duplicação do número de guardas de trânsito nas cidades e rodovias do país.

Cada policial que aplique duas ou três multas por dia, cobre com folga, em um ano, seu salário e a compra de uma moto para lhe dar mais agilidade.



A maior causa de acidentes e mortes parece ser o álcool. Não é preciso beber muito para que os reflexos fiquem mais lentos, o que é fatal no volante. Combinado com o excesso de velocidade, torna-se uma atividade criminosa grave. As campanhas dizem: "Se vai dirigir, não beba; se beber, não dirija". Resultado: menos mortos.

Cresce no interior da Igreja o inconformismo crítico à limitação da participação da mulher nos seus ministérios. É necessário conhecer as raízes da persistente discriminação.

Edito para a mulher

Neide e Itamar Bonfatti
Ex-Presidentes Nacionais do MFC

Como se sabe foi a partir do Imperador Constantino que os cristãos passaram a gozar, não só de liberdade religiosa mas também de alguns favores do Império Romano. Tudo foi legalizado pelo Edito de Milão (ano 313 dC).

É do conhecimento de todos que tal instrumento jurídico – fazemos aqui referência ao poder legal de um edito – era promulgado pelo poder romano e imediatamente endereçado para ser cumprido em todo o Império.

Famoso ficou sendo também o edito posterior (ano 391) promulgado pelo Imperador Teodósio, o Grande. Ao mesmo tempo que ratificava a continuidade de seu predecessor, proclamava o cristianismo como religião oficial do Império. Mais. Decretava inserção da hierarquia da Igreja nos quadros do Governo. Posteriormente passou a proibir os sacrifícios pagãos e com isso deu início a fechamentos de templos. Enfim tudo bem diferente

do Imperador Diocleciano (ano 284-305) que pouco tempo antes promovia violentíssima perseguição aos cristãos que já viam e viviam a sua quantidade em crescimento constante.

Com a promulgação do edito de Milão – e lá se foram 1686 anos! – já é sem tempo a Igreja Institucional e tão dentro dos tempos, pensar na promulgação do **Edito da Mulher**. Os porquês serão refletidos a seguir se a caridosa paciência do leitor assim permitir. Longe de quaisquer outras pretensões tentamos perseguir uma reflexão criteriosa e crítica. Acompanhada de nossas limitações, claro.

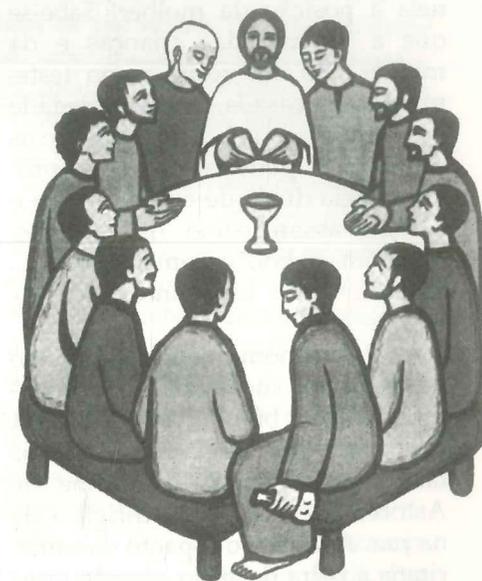
Feitas estas ponderações necessárias pulemos grande no tempo, bem lá atrás, lá na antigüidade. Tempo de fenícios, judeus e cananeus, tempo quando eles adoravam o deus Baal, divindade aliás um tanto travestida porque o seu sexo variava de acordo com a cultura dos adoradores. O culto baílico

chegou até Israel através de Acab induzido que foi por sua mulher Jezebel (cf. Rs 18, 18-19).

Entre os judeus aquela divindade adquiria contornos femininos assumindo o nome de Astorete. O profeta Jeremias denunciou o culto que seu povo prestava àquela deusa (cf. Jr 7,18), sendo a mesma alvo de oferendas das primeiras sementes da colheita assim como ofertadas eram as crias dos animais domésticos. Daí que o culto prestado a Astorete estava ligado à fecundidade dos animais e à fertilidade da terra.

Superado com o tempo este culto, superado não foi igualmente o medo dos judeus à frente do mesmo. Não era para menos se considerado que faziam parte daquela liturgia pagã, como ode à fertilidade, relações sexuais entre sacerdotes e sacerdotisas. Acreditavam que o sexo ritualmente consagrado faria com que a terra produzisse boa colheita e que os animais parissem muitas e saudáveis crias.

Não seria demais pedir ao imaginário deste quase final de século XX para entender o medo que os judeus, no seu culto monoteísta – o medo que o judeu tinha da mulher participando como agente de culto na sinagoga. Absolutamente questão fechada! Aliás muitos autores, com certa razão, atribuem a este fato o total afastamento e proibição da **mulher** nos serviços religiosos mosaicos. Claro que tal discriminação teve apoio na bem estruturada organização masculina na sociedade judaica. Sem falar na rigidez dos costumes na dita sociedade que tornavam a mulher passiva e sub-



Última Ceia, segundo póster das irmazinhas de Jesus

Jesus escolheu doze homens, mas para substituir o que o traiu houve eleição e as mulheres discípulas votaram. Matias foi o escolhido.

A palavra das crianças e da mulher não era aceita como testemunho.

missa. Até que se poderia pensar que tal cultura foi repassada à Igreja que reproduziu tantos costumes outros da sinagoga. S. Paulo que o diga! Seríamos nós portadores deste atavismo cultural em pleno quase século XXI?

Reflitamos agora dentro da sociedade onde Jesus de Nazaré foi criado e educado. Diferente não era nela a posição da mulher! Sabe-se que a palavra das crianças e da mulher não era aceita como testemunho. Se casada, era propriedade do marido e por isto mesmo jamais um homem poderia cobiçar do próximo meia dúzia de coisas: a terra e a casa assim como os escravos. Também o boi, o jumento e a ... mulher. Tudo bem linear! (cf. Ex 20,17).

Seu nome não era incluído na listagem sucessória, com algumas exceções bíblicas no NT. (cf. Mt 1; Lc 3,23-38). Logicamente jamais falava na sinagoga (síndrome de Astorete?) e ninguém se dirigia a ela na rua. Aliás daí o espanto da samaritana à beira do poço quando Jesus dirigiu-lhe a palavra. (cf. Jo 4,9). Mais um dado para se entender melhor o porquê da sociedade judaica-estratificada solidamente em mãos masculinas – se opôs violentamente ao trabalho e à mensagem de Jesus. Apenas citando uma faceta cômica e até insólita, muito produto

daquela sociedade. Está em Eclo 42,14: “Um homem que fez a você um mal é melhor do que uma mulher que lhe fez bem”!

Segundo vários autores – após a diáspora quando os judeus foram obrigados à convivência e convivência com a cultura greco-romana, o judaísmo começou a ser mais flexível para com o mundo feminino no que dizia respeito à vida social e religiosa. Muitas chegaram inclusive à liderança em sinagogas e traduções existem afirmando que em determinadas situações a mulher chegou mesmo a ter o direito de pedir... divórcio.

Muito fácil de se entender que a visão acanhada da sociedade onde Jesus nasceu – do mesmo modo que valores outros e conceitos – passou fácil como sincretismo à Igreja Primitiva e depois no tempo da expansão. Sobretudo considerando que nela teólogos das comunidades cristãs primeiras beberam muito e conservaram – recém-convertidos que eram – em Filon (54 aC) filósofo e exegeta judeu que entre outras, preconizava a inferioridade feminina argumentando seu pensamento a partir de Gn 2 e 3 para afirmar que somente o masculino... fora criado à imagem de Deus!

Com a Boa Nova de Jesus a mulher começou a ser enfocada de maneira diferente. Bom recordar que na sociedade onde o Senhor viveu e pregou, por questões culturais, ter um filho era para a mulher o maior prêmio. Daí aquele grito entusiasmado da mulher do povo bendizendo o ventre de onde viera Jesus assim como os peitos que o

Madalena, equivocadamente identificada como prostituta, exerceu liderança na comunidade cristã que nascia.

amamentaram (cf. Lc 11,27). O que Jesus respondeu deve ter causado espanto aos presentes. Tão diferente das categorias “puro e impuro”, típico do pensamento teológico judaico, Ele respondeu serem mais benditos aqueles que ouviam e obedeciam a palavra de Deus (cf. Lc 11,37).

Percebe-se que Jesus em sua resposta privilegiava os ouvidos, e o corpo daquela mulher e não necessariamente o seu útero conforme seria a lógica naquela cultura, ciosa da fertilidade feminina que era. Mergulhando mais no texto evangélico percebe-se uma valoração de início do discipulado entre as mulheres uma vez que ressaltados foram os ouvidos, entendimento e cumprimento da Palavra, missão até então confiada apenas aos homens.

Momentos outros existem mostrando Jesus muito próximo à corporalidade feminina. Pode ser lembrado inicialmente aquele toque Nele feito por aquela mulher que desejava ser curada da sua hemorragia (cf. Mt 9,20-22) sem deixar esquecidos os beijos dados por aquela outra que em seus pés, após

chorar muito de arrependimento, chegou a colocar perfume para enxugar as suas lágrimas com os cabelos (cf. Lc 7,45-47) ouvindo no final perdão de seus pecados.

Esta relação “ouvido-toque-choro-beijo” não se coaduna com aquela distorcida e lamentável condenação do quadro ético onde o contato físico da mulher com o sagrado era inadmissível. Aliás a mesma relação próxima – muito na dimensão afetiva – estabeleceu-se em casa de Marta e Maria (cf. Lc 10,38-42).

De forma alguma poderá ser esquecida a figura de Maria Madalena sobretudo depois que foram encontrados papiros no Egito (1896), textos evangélicos de sua autoria. Tais textos, como se sabe considerados não-canônicos, mostram esta mulher como destinatária do discipulado, por sinal aceito por Pedro e demais apóstolos. Sem dúvida Madalena exerceu papel evidente entre os apóstolos, aliás pontuado em três momentos importantes: presente no início da missão de Jesus (cf. Lc 8,1-3) junto dele também quando agônico e quando sepultado (cf. Mt 27,55) sem falar do fato de ter sido de uma mulher o primeiro anúncio da Ressurreição (cf. Jo 20,11-18). Valorada foi muito Madalena nos evangelhos não canônicos de Tomé, de Pertis assim como nos de Sophia e Felipe. Ela exercia liderança na Comunidade Cristã que nascia. Por pieguismo ou moralismo, insistiu-se equivocadamente em identificá-la como prostituta quando de fato havia sido junto com Susana, Joana e outras (cf. Lc 8,3) – exorcizados dela espíritos malignos. Na linguagem bíblica como se sabe, “espíritos malignos” refere-se

Lucas se refere a homens e mulheres no relato dos atos dos apóstolos, não omitindo que muitas foram presas.

a doenças mentais.

Não se sabe bem o porquê desta confusão estabelecida e tão repetida. Provavelmente confusão feita com aquela mulher que foi ter com Jesus na casa do fariseu onde o Mestre foi tomar refeição, mulher de fato prostituta, mas cujo nome nem mesmo aparece no texto lucano dos últimos versículos de Lc 7. Contudo no início imediato de Lc 8,1 relata-se Jesus pregando em cidades, aldeias e junto dele, aí sim, "Maria Madalena, chamada Madalena da qual haviam saído sete demônios" conclui Lucas após ter citado também as mulheres outras já mencionadas (cf. Lc 8,3).

Percebe-se que após a Ressurreição – retomando-se novamente a figura ímpar de Madalena – teve ela o seu **discipulado** substituído pelo **serviço** tal e qual os demais apóstolos. Provaavelmente a desfocalização durante séculos, diga-se de passagem, deve ter acontecido pela abordagem do mesmo discipulado apenas dentro do religioso-moralista e não do cético-profético. Quem sabe, mais um sincretismo sorrateiro pinçado por nós, ligando Madalena apenas como apêndice junto ao masculino dos apóstolos? Tal fato não acontecia na

Igreja nascente que tanto privilegiava a mulher no seu **discipulado** e no seu **serviço**. Senão vejamos. Tomando-se o Livro de Atos percebe-se que o **feminino** era muito importante na Igreja que nascia. As mulheres estiveram como eleitoras quando Matias foi escolhido para substituir o apóstolo suicida! Estiveram lá para votar a mãe de Jesus e outras mulheres (cf. At 1,14). Aconteceu o mesmo em Pentecostes (cf. At 2). Na Igreja experienciavam elas o mesmo rito de iniciação na Fé junto dos homens, indistintamente (cf. At 8,12) diferente portanto do judaísmo onde a iniciação partia exclusivamente da circuncisão.

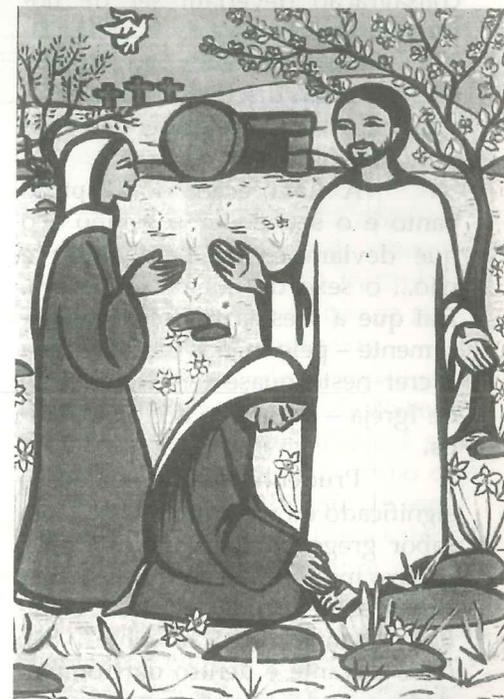
Enquanto nos Evangelhos é comum a expressão genérica "homens". Lucas escrevendo o Livro dos Atos – provavelmente com sua mentalidade e formação gregas – fez questão de citar "homens e mulheres" (At 5,14) sem ficar omitido o fato de que muitas delas foram jogadas nas prisões junto com os homens quando tiveram início as perseguições (cf. At. 8,3).

Lídia de Tiara e Cloé eram líderes da Comunidade de Corinto (cf. 1 Cor 1,11ss). Seria omissão não citar Júnias que Paulo chamou de "discípula" (cf. Rm 16,1-16) e Febe, ambas diaconisas. Bom recordar do casal Priscila e Áquila, expulsos de Roma pelo Imperador Cláudio. Residindo posteriormente em Corinto por causa de perseguição das autoridades, a mesma Priscila era discípula e trabalhava junto de Paulo. Aliás o casal, tal como o apóstolo, fazia tendas. Não se pode olvidar a ação dos dois junto de Apolo que conhecia apenas o batis-

mo de João embora pregasse em nome de Jesus. Priscila e Áquila explicaram melhor a Boa Nova ao apóstolo (cf. At 18,24-26). Também uma certa Maria, entre outras (cf. At 16). Algumas são citadas como pessoas que "fadigam no Senhor".

Interessante notar que escrevendo aos cristãos que viviam na capital do Império, Paulo cita também homens e mulheres trabalhando juntos nos cansaços já citados. Eram **apóstolas** Pérside, Trifena, Trifosa. Na carta aos cristãos de Filipos lêem-se agradecimentos paulinos, tanto às mulheres como aos homens.

Fácil portanto se concluir que o **discipulado** proposto por Jesus é aquele que dá importância aos ouvidos para perceber os sinais dos tempos, assim como dá valor à boca, vale dizer, à pregação, à fala. Masculina ou feminina! Difícil não é deduzir que os **ministérios** brotariam e floresceriam mais tarde sob ação do Espírito Santo independente de mãos ou falas masculinas ou femininas. Aliás segundo o respeitável teólogo Bernard Häring, nas Comunidades da Igreja Primitiva, as mulheres presidiam a Eucaristia como parte integrante do seu **ministério**. Questão sobre a validade ou não da **epíclise** – considerando o feminino das mãos assim como as invocações feitas – tais questões eram totalmente desconhecidas. Aliás lendo-se com cuidado onde Paulo escreve aos Coríntios a respeito das prescrições relativas à Ceia do Senhor – por sinal espaço único de recomendação a respeito – ele fala genericamente como proceder sem se preocupar se as mãos da



É a partir da Ressurreição que o Evangelho de Mateus se atreveu a escrever o relato de natal (posar das Irmãs de Jesus)

...sem esquecer o episódio em que a mulher derrama perfume e lágrimas sobre os pés de Jesus que a perdoou, beija-os e enxuga-os com seus cabelos.

Já existem por aí muitos burburinhos e inquietações sobre a ordenação de mulheres, mas o preconceito ainda perdura

consagração deveriam ser de homem ou de mulher (cf. 1 Cor 11, 23-27). Com isso podemos deduzir hoje que ora eram discípulos que consagravam, ora a consagração era feita por... **discípulas**.

A invocação do Espírito Santo e o seu poder soberano é o que deviam contar na **epíclise** e não... o sexo de quem consagrava. Daí que a mesma transcende inteiramente – pelo menos tudo nos leva a crer neste quase terceiro milênio de Igreja – a questão dos **ministérios**.

Prudente lembrar aqui o significado da palavra **epíclise**. Tem sabor grego em sua raiz. O “epi”, prefixo muito conhecido nosso, quer dizer “sobre, acima” e “clese” significa “chamar, invocar sobre”. São ditas durante e dentro da Comunidade quando reunida em nome do Senhor, momento quando pão e vinho se consubstanciam dentro de nossa Fé.

Enquanto fruto da Igreja Doméstica a Comunidade Familiar deverá ser espaço para se repensar e se rever o momento do **discipulado** que com o passar do tempo – ah!

como pesam as bugigangas do Reino! ... – acabou caindo no reducionismo. Não poucas vezes reducionismo grotesco, até no modo de ser, cacoete histórico já reconhecidamente fora do contexto, embora... muito em moda, ainda. Não foi considerado nem mesmo o fato de que o homem e a mulher são recíprocos na mediação (cf. Ef 5,21).

Já existem por aí inquietações a respeito da ordenação de mulheres. Os fatos não são decisivos mas parecem indicar que o burburinho começou. Por enquanto teremos de assumir postura mais crítica do que condenatória. O importante será não cair inicialmente numa infantilidade mal humorada tão comum nas mentes pouco abertas. De maneira fácil tal comportamento segue sempre em direção ao limbo crítico.

Há muito preconceito ainda e como se sabe tudo que é preconcebido não parte da opinião e sim da maneira de se ver o mundo. Muitos gostam de bloquear a questão ao redor do **discipulado feminino** na Igreja citando o texto em que Paulo adverte as mulheres para que fiquem caladas nas Assembléias (cf. 1 Cor 14,34). É muito humano tentar “forçar a entrada”, embora a Bíblia seja a Palavra de Deus. Depende de se desejamos ler frases isoladas do seu contexto ou do próprio texto onde são citadas. Procedendo assim a Palavra de Deus pode ser transformada em supermercado onde se pega aquilo que se deseja. Bom lembrar quando aquela proibição foi citada que o mesmo Paulo, logo a seguir em sua carta, faz igual adver-

A questão da ordenação de mulheres atinge o delicado e questionado poder eclesiástico.

tência... aos homens (cf. 1Cor 14,27-33).

Não se pode negar que nas últimas décadas o mundo modificou as suas relações de poder sobretudo nos comportamentos sociais e institucionais que dizem respeito às relações Homem-Mulher. Aliás um retorno às fontes da Revelação porque, excetuando o caso Jesus, no restante dos Evangelhos, o divino é masculino e feminino embora este último, no passar dos séculos, não tenha sido reconhecido. Daí o crescimento cada vez maior de afirmações do tipo “acabou o silêncio secular” daquela leitura que busca Deus com características também femininas. Ótica portanto diferente daquela imagem patriarcal do Senhor como forma única e possível da relação Deus-Humanidade. Facilmente explicável a estranheza crescente de muitos diante dos exagerados investimentos feito pela Igreja Histórica sobre os aspectos apenas biológicos da mulher. Sugerem uma importância excessiva e até exclusiva na determinação do feminino, não considerando valores outros. Seria prudente, antes de mais nada, - pelo menos como boa ponderação – valores outros. Caridoso sempre se recordar da digni-

dade e a realidade de pessoa em si mesma e não determinada por este ou aquele sexo.

Existem avanços institucionais que reafirmam cada vez mais que não há dúvida da importância do sacerdócio feminino. Realmente tudo nos leva a crer que a Igreja de Deus se constrói – alguns autores chamam isto de **primeiro discurso** – sobre o Evangelho de Jesus Cristo, referencial de nossa Fé.

Pelos mesmos autores – **chamando de segundo discurso** – vêm depois as Constituições Dogmáticas, Documentos Conciliares e de Conferências Episcopais assim como o Direito Canônico. Considerar assim, os Discursos da Igreja tornam-se mais confortáveis à reflexão, à análise e à discussão – sem por isto nos recusarmos a obedecer – de posições oficiais e de disciplinas existentes dentro da Instituição Igreja, entre elas aquela que se refere à **ordenação das mulheres**.

Neste sentido a espiritualidade cultivada a partir da Palavra de Deus, nosso despojamento à sua vontade se nos apresenta como caminho. Teremos entretanto de esperar o Espírito Santo de Deus agindo em sua Igreja como sempre o fez. Esperar paciente mas... ativamente!

A questão da ordenação feminina e os seus direitos igualitários atingem o delicado e questionado espaço do poder eclesiástico. Pelo fato de haver **poder pastoral** e **poder sacramental**, bom recordar que o primeiro é delegado a laicos por decreto da Instituição, fato que absolutamente não acontece com o segundo. Daí veio a consequência no passar do tempo: a animação sacramental. Aliás se tomada esta

A ordenação não apenas de mulheres mas também de homens casados deve ser vista pelo ângulo da igualdade na própria Igreja.

perspectiva, a ordenação não apenas da mulher mas também dos homens casados, não poderá ser vista sob este ângulo menor e sim como igualdade na própria Igreja. Mais. Sob a vista da unidade essencial e vital existente entre **Palavra e Sacramento**.

Não se dando continuidade ao re-ver, ao re-pensar da questão do Ministério da Ordem às mulheres poderemos cair novamente em outro "caso Galileu". Como se sabe o coitado do astrônomo italiano em 1623 por ter dito que o sol era o centro de nosso sistema planetário teve de prestar contas à "Santa Inquisição". Ainda bem que após quatrocentos anos (1955) de forma um tanto constrangedora mas felizmente envolta no exercício de humildade ... aconteceu a sua absolvição!

Mais sorte teve Darwin com a publicação de **Origem das Espécies por meio da Seleção Natural** (1859). Há pouco, na Academia Pontifícia de Ciências (outubro/96), um outro exercício de humildade: o Papa João Paulo II afirmou em plenário que o evolucionismo em nada

contraria a fé cristã uma vez ser a alma, de fato, a criação divina e não o processo de evolução que deve ter acontecido dentro das mais variadas formas, dentro dos mais variados tempos, gerando as mais variadas espécies, aliás fenômeno esse que continua acontecendo. Com isso o cientista inglês foi absolvido com 137 anos atrasados!

Insiste-se muito para que tudo seja avaliado e entendido dentro de cada contexto. Caso contrário ficaríamos horrorizados - desperdiçando aliás delicioso espaço do engraçado - lembrando aqui que o Papa Leão XII proibira em 1829 o uso da vacina contra a varíola. Motivo: era um desafio a Deus uma vez que o tão conhecido e consagrado preventivo alterava o equilíbrio do corpo humano (sic). Pois é!

É fundamental que a família cristã sempre cultive a consciência crítica para que a esquina do seu profetismo não fique voltada apenas para o quarteirão da sua paróquia e sim de frente para o mundo e para os acontecimentos.

Isto ajudará a Igreja Histórica - em outras palavras "nós mesmos" - a manter o rumo desta instituição tão humana, sem... bússola empenada. Teremos para tanto de nos manter sempre abertos e críticos para que o Espírito Santo de Deus continue soprando sobre a sua Igreja.

Assim aguardemos o **Edito da Mulher dentro da Igreja dos**

@ É verdadeira, ainda hoje, a desvalorização da mulher, na família, na sociedade, na Igreja? Exemplos que confirmam ou desmentem essa desvalorização.

@ Ainda há sinais de machismo nas relações homem-mulher? E na condução da Igreja? O que tem mudado quanto à valorização da mulher? O que precisa mudar?



"O sorriso custa menos e dá mais luz que a eletricidade". (Provérbio escocês)

Renove já a sua assinatura

fato e razão

A REVISTA DA FAMÍLIA

ENVIE SEU CHEQUE HOJE MESMO PARA A LIVRARIA DO MFC

ASSINATURA OURO - 6 NÚMEROS - 15 REAIS

ASSINATURA PRATA - 4 NÚMEROS - 10 REAIS

CHEQUE NOMINAL AO MFC
RUA ESPÍRITO SANTO 1059 / 1109
30160-922 BELO HORIZONTE - MG
TEL. (031) 273-8842

Mineradoras e grileiros de terras pressionam o Congresso para que não seja aprovado o novo Estatuto dos Povos Indígenas.

É outro o calendário Ameríndio!

Marcelo Barros
Monge Beneditino, escritor

Uma vez, eu dava um curso na Bolívia e descobri que para os aimara e quétchua, o dia que, em seu calendário, corresponde mais ou menos ao 21 de junho é uma grande festa. É a celebração do ano novo andino. Certamente, foi por não conhecer esse costume e não imaginar que os ameríndios pudessem ter seu calendário próprio que, lá pelo ano 1600, no Paraguai, um jesuíta espanhol escreveu em seu Diário que "nessa parte do mundo, tudo parece de cabeça para baixo. As flores florescem no outono, faz frio no verão, as frutas aparecem na primavera e no inverno faz calor".

Como os europeus se imaginavam trazendo a esta parte do mundo a verdadeira civilização, impuseram em todos os lugares o seu calendário social e religioso. A conquista acabou, os nossos países

conquistaram sua independência social e política, mas o colonialismo cultural continua. O mundo inteiro segue o calendário do hemisfério norte. Na época do Natal, as lojas do Recife ou da Bahia ornamentam suas vitrines com neves de algodão.

Com uma temperatura de mais de 30 graus, homens se vestem de Papai Noel para alegrar as crianças que querem ver o velhinho, vestido de lã e com seu carro puxado por renas do Polo Norte.

Também nas Igrejas, o calendário é trocado. Aqui, a Páscoa cai no outono e não na primavera; o Natal ocorre no meio do verão e a festa de São João é uma das noites mais frias do inverno. Para as comunidades cristãs, o culto é memorial da História e vai além da relação com a natureza. Então, não se pode mais pensar em um calendá-

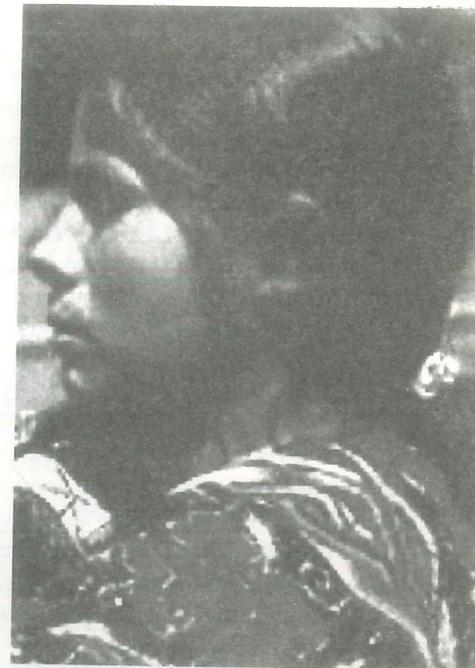
rio autônomo para os povos do hemisfério sul.

Mas, não deixa de ser animador ver que as comunidades indígenas, dos Andes e de outras regiões, valorizam cada vez mais a noite do ano novo andino e recompõem seus ritos ancestrais de louvor a Deus e comunhão com a natureza.

A Bíblia conta que as antigas tribos de hebreus tinham o costume de festejar o ano novo, fazendo um sorteio de terras e repartindo novamente os terrenos que, por dívidas ou herança, haviam sido concentrados. No ano novo, em comunhão com Deus, se refazia uma verdadeira reforma agrária. Alguns povos ameríndios também têm ritos de sorteio e de amor à Mãe Terra, venerada nesta noite. Até hoje, em setembro, as comunidades de Israel festejam o Ano Novo Judaico, celebrando a Aliança de Deus com o seu povo e pedindo paz e proteção para o tempo novo que se inicia.

No Brasil, especialmente no nordeste, o povo celebra com muita alegria as festas joaninas. Ainda é muito vivo o costume das fogueiras na noite de São João. Estes festejos vieram da Europa Medieval. Mas, assumiram uma importância maior no Brasil porque se confundiram com antigos costumes indígenas. De certo modo, no inconsciente coletivo, ocupam o espaço desses antigos ritos de ano novo.

"A Noite do Maracá", o novo romance que escrevi, começa contando como em uma noite de ano novo ameríndio, no alto da Serra Dourada, um grupo de pessoas da



sociedade de Goiás descobre que são herdeiras dos antigos cayapós meridionais que habitaram essa região. Conduzidos pelo espírito que fala no maracá, estas pessoas descobrem a beleza da espiritualidade cayapó e como neste final de milênio, a identidade indígena pode contribuir na construção de um mundo de paz e justiça, em comunhão com todo o universo.

Cada vez, um número maior de pessoas está despertando para a importância atual e política das culturas ameríndias. Em uma sociedade que diariamente exclui mais gente, é importante revalorizar estas antigas civilizações de acolhida e inclusão que nos chamam a recompor, em nós mesmos e nos outros, esse profundo extrato de humanidade.

No Brasil, os povos indígenas conquistaram avanços significativos na Constituição Federal de 1988.

Após cinco séculos, o Estado Brasileiro reconheceu a diversidade étnica das comunidades indígenas, o direito de permanecerem com seus idiomas, suas formas próprias de organização social e seus espaços territoriais. Entretanto, até hoje, os índios do Brasil não têm uma legislação específica que regule estes direitos.

Para as comunidades indígenas, conquistar o direito de viverem nas suas terras ancestrais e poderem manter seus costumes ancestrais não é apenas uma questão social e política. É um dever religioso, uma questão de espiritualidade. Os guaranis têm uma oração que expressa bem esta mística:

"Ó nosso primeiro Pai, nossa primeira Mãe, foste tu que primeiro conhecestes nossa maneira de ser e, por primeiro, nos falaste a palavra fundamental, antes de abrir a morada desta terra. Dá-nos grandeza de coração para conviver na paz com todos os seres por ti criados e faze-nos viver em pé nesta terra".

Que todas as pessoas que comemoram com este desejo de Deus, solidarizem-se com esta campanha e acolham o convite daquela música de Ataulpa Yupanqui, hoje clássica em toda a América Latina e mais conhecida na voz de Mercedes Sosa:

"Dá tua mão ao índio, dá que te fará bem"...

MARCELO BARROS é monge beneditino e escritor. Tem 21 livros publicados, dos quais os últimos são o romance holístico "A Secreta Magia do Caminho" e o romance indigenista "A Noite do Maracá" (no prelo). Fax: 062- 372 11 35.

Email: mostanun@zaz.com.br

Congresso Nacional retarda a aprovação do novo Estatuto dos Povos Indígenas

Os povos indígenas necessitam de uma nova regulamentação dos seus direitos. O Estatuto de 1973 está superado e não atende mais à realidade.

Há um projeto de lei no Congresso, chamado "Estatuto das Sociedades Indígenas", que responde a essas necessidades, mas por pressões e interesses de mineradoras e de fazendeiros interessados nas terras indígenas, está paralisado.

Diversas entidades da sociedade civil e das Igrejas estão mobilizando uma campanha de assinaturas e enviando mensagens ao Presidente da República e ao Presidente da Câmara dos Deputados, pedindo urgência na aprovação do novo "Estatuto das Sociedades Indígenas".

Leia e assinie, dê de presente

fato
e razão

MOVIMENTO FAMILIAR CRISTÃO

Muitos acham mais garantido ter conta em dois bancos



Outros usam dois bancos por falta de moderação nos prazeres da culinária, o que não faz bem à saúde...

Se nos deixarmos comandar pelo noticiário da mídia e sua paixão pela desgraça e sensacionalismo, acabamos perdendo a esperança, o que, para o cristão, é imperdoável.

A cidade

Pedro Roumié

Conduzidos pelo caminho bem seguro, chegaram à cidade onde morar. Os dois romeiros inicialmente ficaram deslumbrados com a luminosidade e a aparente beleza que viram, até que ao pararem em uma banca de jornal, tomaram um exemplar para ler.

- Veja querido amigo, as terríveis manchetes dos jornais:

"Cocaína ameaça vida na Amazônia", "A pesca corre perigo pelo progressivo envenenamento dos rios o que pode provocar um desastre sem precedentes afetando a aproximadamente três milhões de pessoas", "Cerca de 2.500 espécies de peixes ameaçados pela poluição de substâncias químicas que alteram o ecossistema", "Ratos tomam conta do centro da cidade", "A impunidade cresce e está na raiz de tudo", "A impunidade é o adubo da violência", "Aprovado o parecer favorável à reabertura dos cassinos. Troca-se os lucros da jogatina por uma módica comissão de 7% para a

aplicação na educação", "Exagerada limitação da natalidade faz uma sociedade em sua maioria envelhecida", "O dinheiro fala mais alto", "Aprovada a regulamentação do Aborto na Comissão dos deputados federais", "Escola comunitária pede socorro", "Proprietário Rural sonega os impostos - apenas 11.378 dos mais de 100.000, estão cadastrados na Receita Federal", (desse total cadastrado, 52% são propriedades de sonegadores de impostos), "Déficit crônico de bibliotecas", (faltam bibliotecas para 30 milhões de brasileiros), "Poluição triplica casos de doenças respiratórias", "Seca faz do cerrado uma fornalha. Por culpa do homem, o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis (Ibama), contabiliza 30 focos de chamas a cada dia e desse total 90% são causados pelo próprio homem", "Mutuários da Construtora em número de 42.000 famílias pagaram para ter um apartamento e foram ludibriados por uma falência

corrupta da empresa que não construiu as residências", "Aumenta o número de desempregados no País", "Executados por envolvimento com tóxicos", "Tarados atacam estudantes na Universidade"... Queres que eu leia mais ou paro aqui?

- Pelo visto já temos uma panorâmica visual da cidade. Basta. É muita coisa que precisa ser mudada para que se torne uma cidade onde morar. Questiono agora, por que o Senhor nos conduziu até aqui? Falou o Inocente garoto.

- Certamente Ele quer que nos empenhemos numa ação transformadora nessa cidade e assim colaboremos com Ele, fazendo a nossa parte, na construção de uma agradável região onde os homens e mulheres habitem com felicidade.

- Será que só nós dois conseguiremos empreender tamanha façanha? Não haveremos de precisar de reforços? Perguntou a criança.

- Certamente que sim. Precisaremos sobretudo da ajuda do Senhor que nunca nos abandonará na caminhada, até o final dos tempos, já que Ele nos quer comprometidos com a transformação do mundo. Ele, como nós, sabe que há políticos que fazem mau uso do poder, que existem guerras que dizimam o Povo em toda parte, que há crianças

pedindo esmolas em cada esquina e que estão sendo prostituídas, que há policiais que não sabem lidar com sua autoridade, que há homens e mulheres (famílias) sem terra, sem pão, sem casa, sem hospitais, sem escolas, que há agricultores sem um pedaço de chão para cultivar, que há operários sem ter onde trabalhar, muitos jovens se perdendo no mundo das drogas e outras tantas que se esqueceram ou nem tiveram a chance de o conhecerem. Ele sabe tudo. Por tudo isso, creio, Ela nos concederá forças para renovar a face da terra. Nos terá como seus operários - servos inúteis mas indispensáveis e disponíveis - dispostos a trabalhar para que o mundo se transforme na Terra Prometida, onde não haverá fome e onde a justiça e a paz se abraçarão.

- Concordo contigo, querido sábio e companheiro de caminhada. Fazes lembrar uma poesia que li certa feita, escrita por um profeta chamado Helder Câmara e que dizia assim:

"Admiro e quase invejo não tanto teu ouvido privilegiado que capta cada nota, e sente em cada uma o mais leve desajuste, o menor passo em falso... Admiro e quase invejo a fineza com que levas notas dissonantes a de novo se harmonizarem...".

@ O que significa para o cristão ter esperança?

@ Por que os meios de comunicação preferem informar somente desgraças e tragédias, e não abrem espaço para noticiar as coisas boas que acontecem?

@ Vamos fazer um balanço do que está acontecendo hoje em nossas cidades? O que está mal e o que está bem?

@ O que podemos fazer e depende de nós para que as condições de vida em nossa cidade melhorem?

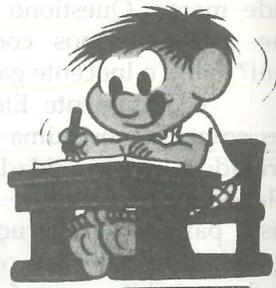
@ O que depende da Prefeitura, dos governos? Como exigir melhorias?

Defendendo os direitos da criança

O traço gostoso de Maurício de Souza nos ajuda a lembrar que a criança tem direitos. Assegurar-lhe esses direitos é obrigação não só dos governos mas de cada família, de cada cidadão.



DIREITO AO LAZER



DIREITO A EDUCAÇÃO



DIREITO A ALIMENTAÇÃO



DIREITO A CULTURA



DIREITO A VIDA



DIREITO A PROFISSIONALIZAÇÃO

Mas os números das Nações Unidas ...

O Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) elegeu a TMM5 (Taxa de mortalidade infantil até cinco anos de idade) como o mais importante indicador para se avaliar as condições de vida das crianças em um país. O relatório de dezembro de 1995 elencou 150 países em ordem decrescente, entre os quais o Brasil ocupa a 63ª posição. Eis alguns deles:

Mortes por grupo de mil crianças

Nigéria	320
Haiti	127
Bolívia	110
Brasil	61
Sri Lanka	19
Bósnia	17
Chile	15
EUA	10
Canadá	8
Suécia	5



DIREITO A CONVIVÊNCIA FAMILIAR E COMUNITÁRIA

... nos advertem que ainda há muito o que fazer para que os direitos da criança sejam garantidos por aqui.

É preciso reconhecer acertos de governos e administrações públicas. Nem tudo é falho e mal feito. Criticar é sempre mais fácil. Reconhecer êxitos e aplaudir raramente se faz. Este é um exemplo de política pública bem sucedida que vale a pena divulgar e... imitar.

Problema ou a solução possível?

Helio Amorim
Engenheiro

As favelas crescem nas grandes cidades. Vão se espalhando geralmente por terras "sem dono", ou seja, terras públicas (reservas florestais, terrenos tomados pelo governo de devedores de impostos e outras "terras de ninguém") ou áreas particulares abandonadas por seus donos ou herdeiros, por impasses judiciais ou inventários encerrados. Em alguns casos mais raros, por invasões que geram demandas judiciais intermináveis e expulsões socialmente traumáticas.

Ora, as migrações do campo para as cidades determinam inexoravelmente o surgimento desses aglomerados habitacionais, por falta

de uma política adequada para acolher e integrar ao tecido urbano os grandes contingentes humanos que não mais encontram no campo condições de sobrevivência.

Hoje, vivem nesses assentamentos populares quase vinte por cento da população total da cidade. E vivem mal.

Faltam condições mínimas de segurança, salubridade, espaço físico, acesso, lazer e serviços públicos essenciais. A cada chuva, encostas deslizam e matam. O intrincado labirinto que se forma pela ocupação desordenada dessa áreas oferece condições ideais para refúgio de traficantes e quadrilhas de assaltan-



Vidigal, Rio de Janeiro: favelas desordenadas e insalubres se transformam em bairros modestos mas urbanizados, com ruas pavimentadas e equipados com os serviços essenciais, sem riscos de deslizamentos.

tes. A polícia leva desvantagem nas tentativas de enfrentamento.

Em suma, é um problema social a ser resolvido. Não é justo que tantas famílias sejam condenadas a essas condições indignas de vida. Como resolver tal problema?

É claro que a solução sonhada parte de um outro modelo socioeconômico que assegure uma melhor distribuição de renda, salários justos, saúde, educação e emprego para todos. É o que se deve perseguir.

Mas não se pode esperar que esse sonho se realize amanhã. Soluções razoáveis não podem ser adiadas para gerações futuras.

Ao longo das últimas décadas se foram sucedendo políticas e programas habitacionais populares,

geralmente visando à erradicação de favelas. "Trata-se de tumores a serem extirpados", diziam sempre os cruzados dessas investidas.

Naturalmente tais programas, às vezes bem intencionados, foram gerados por políticos e técnicos que moram ou moravam na cidade formal, incomodados com a agressão paisagística dessas toscas moradias que subiam os morros nas vizinhanças das suas confortáveis varandas. Preocupações ecológicas engrossavam o apoio a essas operações de "limpeza social".

Quem não se lembra das remoções de favelas em verdadeiras operações de guerra, com apoio de fardas e armas, os inesquecíveis incêndios provocados para a expulsão dos renitentes favelados, teimosos em

A favela deixa de ser encarada como um tumor a ser extirpado para ser vista como uma lesão a ser tratada e curada

defender suas raízes contra a mudança forçada para bairros distantes do seu mercado de trabalho.

Os custos sociais e econômicos dessas soluções equivocadas são difíceis de avaliar. Foram sendo abandonadas como sorvedouro de recursos cada vez mais escassos, sem os benefícios esperados.

De repente, administradores municipais e técnicos que conheceram as tentativas decepcionantes do passado se deram conta que a favela talvez fosse mesmo a solução possível para o problema habitacional gerado pelas contradições do modelo econômico vigente. Sem perder de vista o ideal da sociedade justa, que J.K. Galbraith antevê como consequência da evolução forçada do capitalismo selvagem atual,

A Prefeitura, assumiu o desafio de urbanizar as favelas do Rio de Janeiro. Já não serão vistas como tumores a extirpar mas como feridas a serem tratadas e cicatrizadas.

A idéia é simples e complicada ao mesmo tempo. Descobre-se que as casas lá estão. Começam toscas mas vão melhorando pelas mãos dos moradores, em mutirões solidários, sem ajuda de governos. Não saem

das pranchetas dos arquitetos, mas seguem a cultura e costumes das famílias, seu jeito de morar. As parcas economias se transformam em tijolo e cimento e barracos viram casas modestas de alvenaria.

O problema é, portanto, a urbanização, com serviços públicos semelhantes aos da cidade formal. Feitas as contas, descobre-se que a solução é relativamente barata, com imediato retorno social compensador.

Cada favela ganha um sistema viário pavimentado, que permita o trânsito de veículos e o acesso de serviços públicos (ambulâncias, polícia, correio, coleta de lixo, etc.). Recebe um sistema de abastecimento de água e esgotamento sanitário, outro de drenagem pluvial. As encostas sujeitas a deslizamentos são contidas por concreto e aço. As casas são agora numeradas, em ruas iluminadas, com nome e CEP. A família passa a ter endereço!

Cada favela ganha obrigatoriamente praças e áreas de lazer, pelo menos uma creche, prédios de serviços públicos, centros de treinamento para o trabalho, lavanderias coletivas, ginásios esportivos cobertos. Os limites da favela são demarcados, proibidas construções nas áreas externas, logo reflorestadas. Define-se um código de edificações que limita o gabarito das casas, os afastamentos mínimos entre as novas construções ou acréscimos e outras normas saudáveis para a comunidade, que participa de decisões desde o início dos projetos. As casas demolidas para a implantação do projeto

são permutadas por outras ou são indenizadas as famílias.

Não se trata de um programa para o futuro ou vagas promessas de campanhas eleitorais. Já estão em obras 70 favelas. Mais 30 estão em fase de projeto. Muitas já estão prontas e se tornaram bairros - modestos mas decentes e saudáveis.

Não são simples melhorias, mas transformação radical de espaços, com o resgate da auto-estima e inclusão social de milhares de pessoas até então excluídas da cidade formal.

Por isso, vale o título. A favela deixa de ser um problema para ser encarada como a solução possível.



"Nunca encontrei ninguém tão ignorante que não pudesse aprender nada com a sua ignorância". (Galileu Galilei).

Cuidado com as estatísticas da crise econômica...



CORRE, SEVERINO!
AQUELA ESTATÍSTICA
JÁ NOS VIU !!!



Não fique assim tão sério...

Um importante colégio católico do Sul fez obras enormes de ampliação e reforma, com recursos financeiros de uma organização religiosa alemã.

A direção do colégio caprichou nos corredores de mármore, ar condicionado, bebedouros de água gelada, carteiras super modernas, salas de ginástica bem equipadas... Afinal, a classe média é exigente e o colégio é para seus filhos, que desfrutam essas mordomias em casa.

Veio então uma dupla de inspetores alemães para verificar se os recursos enviados foram bem aplicados.

O reitor os acompanhou na visita, mostrando todos esses detalhes preciosos de conforto e beleza.

O próprio reitor contou depois o único comentário que conseguiu arrancar da dupla:

"Se vocês fizeram isto com o voto de pobreza, o que estarão fazendo com o voto de castidade?..."



Mais uma historinha que ajuda a conhecer o político mineiro maneiroso e conciliador.

Este conto foi lembrado quando anunciada a criação do Ministério da Defesa, com ministro civil e extinção dos ministérios militares... O jeitoso político estava agonizando

e o padre já havia aplicado os santos óleos.

Depois de mais algumas orações, o padre pensou em acrescentar invocações à moda tradicional do lugar. Pediu ao moribundo que o acompanhasse.

"Louvado seja Deus!"

"Louvado seja!", repetiu o político terminal.

"Bendita seja Nossa Senhora!"

"Bendita seja!", repetiu o homem.

"Maldito seja o demônio!", continuou o padre.

Silêncio. Será que morreu? – pensou. Mas não. Continuava vivo. Talvez não tivesse ouvido. Insistiu:

"Maldito seja o demônio!"

O mesmo silêncio.

"Por que não repete comigo, meu filho?"

A resposta veio baixinho:

"Pra quê provocar quem está quieto, seu padre?..."



O mestre Malba Tahan nos conta a história de um grande jogador de xadrez no mundo árabe do século passado.

O sultão, também apaixonado pelo xadrez, convidou o jogador famoso para uma partida. Ofereceria o que o adversário pedisse, se vencesse.

"Peça-me o que de mais valioso você quiser dos meus tesouros", insistiu.

O hábil enxadrista pensou um pouco e propôs:

"Quero apenas alguns grãos de trigo".

"Como assim? Grãos de trigo?"

"Sim, meu sultão. O senhor me dará um grão pela primeira casa do tabuleiro de xadrez. Dois pela segunda casa, quatro pela terceira, oito pela quarta, e assim por diante, sempre dobrando, até a 64ª casa".

"Muito bem, se é só isso que quer, você terá o que pediu, se me ganhar".

O jogador ganhou.

O sultão chamou o matemático da sua corte e mandou calcular quantos grãos de trigo deveria dar ao vencedor.

Veio o resultado e o susto.

"Senhor, todo o trigo do país não será suficiente para pagar a sua aposta".

Era verdade. Experimente você mesmo continuar a conta. Na quinta casa serão dezesseis, na seguinte trinta e dois, na sétima sessenta e quatro... em pouco tempo você estará na casa dos milhões e mais adiante na dos bilhões de grãos...

Portanto, cuidado com a matemática... e com jogadores espertos!



Outra conto plagiado de Malba Tahan, transposto do cenário árabe antigo para o árabe mais mo-

derno... Como outros contos do autor, envolve sutilezas matemáticas.

O velho Abrão morreu e deixou 35 vacas para dividir entre os três filhos. O testamento destinava metade para o mais velho, um terço para o do meio e um nono para o caçula.

O Salim, velho amigo do falecido, ficou responsável pela partilha. Mas a coisa estava complicada. Metade de 35 dava 17 vacas e meia, um terço daria 11 vacas e alguns filés. O nono do caçula seriam 3 vacas e algumas costelas.

Então o Salim, num rasgo de generosidade esperta, como sempre trocando o *p* pelo *b*, ofereceu:

"Eu embresta uma vaca bra vocês, bra boder dividir direito".

Com 36 vacas ficou fácil: o filho mais velho recebeu metade, 18 vacas inteirinhas. O outro um terço, 12. O caçula recebeu o nono, 4 vacas. Todos saíram ganhando e ficaram satisfeitos.

O Salim ficou mais satisfeito ainda, porque nessa divisão sobram duas vacas... a dele de volta e mais uma, bem merecida pela espartez da sua "generosa" ajuda...

Caro leitor

Mande a sua colaboração para estas páginas de descontração e sorrisos.

Se a sua historinha bem curta for selecionada, você ganha uma assinatura anual desta revista.

Redação de Fato e Razão

R. Des. Saul de Gusmão 80 / VIII
22641-280 Rio de Janeiro – RJ

D. Leônidas Proaño entregou as terras da Igreja a uma cooperativa de indígenas, iniciando a reforma agrária no interior do Peru.

Uma espiritualidade cristã com rosto indígena

Marcelo Barros
Monge beneditino

Em setembro do ano passado, enquanto o centro-oeste do Brasil queimava literalmente suas últimas reservas verdes e experimentava uma das mais quentes e secas estações dos últimos anos, pessoas e comunidades de diversas espiritualidades oraram para que a opinião pública deixe a vida íntima do presidente dos Estados Unidos em paz. Assim, ele não "precisará" mais bombardear fábricas de medicamentos ou cidades da Ásia. Apesar de tudo, é menos problemático ele ser "machão" na intimidade das suas relações pessoais, do que usar a imagem de xerife neste mundo que ele vê como um grande faroeste.

Enquanto isso, naqueles mesmos dias, um grupo de bispos católicos e pastores evangélicos de toda a América Latina estava reunido em uma longínqua cidade do Equador (Riobamba). Ali, representava uma multidão imensa de comunidades cristãs e indígenas, celebrando o

aniversário de dez anos do falecimento de um dos maiores profetas que a Igreja latino-americana já conheceu: Dom Leônidas Proaño. Era o bispo de Riobamba e por isso os bispos e pastores que se comprometem em prosseguir a missão de Dom Proaño quiseram se encontrar naquele lugar de onde ele mostrou ser possível viver a fé cristã no pleno respeito e adesão às culturas indígenas, tornando a Igreja Católica uma parceira de diálogo e de comunhão com todas as pessoas que buscam a paz e a justiça.

Recordemos as próprias palavras de Proaño: "De fato, em Riobamba, dois terços da população é indígena. Os indígenas viviam a mais completa miséria, discriminados e marginalizados pela sociedade e inclusive pela Igreja Católica. Em Riobamba, ela era dona de grandes extensões de terra, herdadas do tempo colonial".

O bispo levou a Igreja a um

processo de entregar suas propriedades a uma cooperativa de famílias indígenas iniciando uma reforma agrária que depois os índios continuaram a exigir do governo e dos latifundiários do país.

O pastor Proaño lutou para que a igreja reconhecesse sua responsabilidade no genocídio cultural e religioso dos indígenas e revisse a compreensão e forma de evangelização. Começou uma igreja com rosto indígena e respeitosa das tradições, testemunhando que Jesus veio para converter a todos do que é mal e injustiça, da idolatria que aliena e desumaniza, mas não só respeita as culturas e tradições de cada povo, como nelas deseja se encarnar e se inserir para a todas plenificar.

No leito, algumas horas antes de falecer, o bispo Proaño disse: "Há um pensamento que me persegue: a de que a igreja é responsável pela opressão dos índios. Que dor, meu Deus, que dor! Este peso dos séculos caiu sobre mim".

Este testamento de um bispo moribundo deveria provocar não somente as igrejas, mas a todos os grupos e pessoas espirituais a serem mais atentas ao fato que a espiritualidade ou a mística só é verdadeiro caminho de intimidade com o Divino se não desprezar nenhum filho ou filha de Deus. A raiz fundamental de toda religião é a justiça e o amor. Jesus diz até que Deus revela os seus segredos mais profundos aos mais simples e pequeninos (Cf. Mt 11, 25). Certamente, um belo sinal dessa atenção à sabedoria que Deus

... e assim começou uma Igreja com rosto indígena, respeitosa de sua tradições.



revela aos pobres e pequeninos é o interesse cada vez maior que as religiões e caminhos espirituais indígenas e dos povos nativos estão suscitando, hoje, no mundo. Celebrando a memória dos dez anos do falecimento de Leônidas Proaño, defensor dos povos indígenas, lembramos também que, nestes mesmos dias, há 35 anos, o mundo escutava a voz do Pastor Martin Luther King, denunciando o racismo e a discriminação sofrida pelos seus irmãos negros e pronunciando o famoso sermão: "Eu tenho um sonho: que chegará um

dia no qual ninguém mais será julgado pela cor da sua pele e meus filhos poderão viver num país livre e fraternal para todos".

Este é o sonho de Deus para todo o universo e quem é de Deus sente-se comprometido(a) em viver desde agora este lindo sonho da paz e da justiça.

Marcelo Barros é monge beneditino em Goiás e escritor. Tem 20 livros publicados, dos quais o último é o romance "A Secreta Magia do Caminho" (Record- Nova Era). Fax: 062-372 1135



"Ninguém pode ser bom por muito tempo se não houver uma demanda de bondade".
(Bertold Brecht)

Continuam as matanças no continente perdido



FOTOS SYGMA

Serra Leoa

Conhecidas pelo atroz costume de cortar as mãos de civis, as forças rebeldes atacaram a capital, Freetown. Tropas estrangeiras defendem a cidade e o caos domina o país.



GAMMA

Congo (ex-Zaire)

Os rebeldes tutsis, que já foram aliados mas agora combatem o presidente Kabila, massacraram, segundo denúncia da Igreja, 500 civis na passagem do ano.



Angola

A guerra civil entre a Unita e o governo ressurgiu a toda. A guerrilha já derrubou dois aviões da ONU em quinze dias. Um engenheiro brasileiro morreu em ataque rebelde.

Equipe econômica garante: juros altos, fuga de divisas, balança comercial negativa, dívida externa crescente, dívida interna estratosférica, cotação do dólar dispara, desemprego em alta, recessão anunciada, FMI nos calcanhares... tudo sob controle! Fora com os pessimistas!



A equipe reunida prepara com tranquilidade as novas medidas para o perfeito controle da economia.

Chiapas: rumo a uma nova etapa do processo de paz no México.

"Para que edifiques e plantes"

Mons. Samuel Ruiz Garcia
Bispo de San Cristóbal de Las Casas.

A vontade de Deus, manifestada através de Sua Santidade o Papa João XXIII, me pediu há mais de 38 anos o serviço como Bispo daquela que então se chamava "Diocese de Chiapas", e que depois da criação da Diocese de Tuxtla Gutiérrez tornou-se conhecida como "Diocese de San Cristóbal de Las Casas", pelo nome de sua sede.

A tarefa específica de uma ação evangelizadora, dirigida a todos e de modo especial aos mais pobres e necessitados, que em nosso caso são os indígenas, nós a entendemos e vivemos sempre como sendo a pregação do Evangelho de Cristo, isto é, o anúncio e construção do Reino de Deus, na Justiça, na Verdade, no Amor e na Paz. É certo que o Concílio Ecumênico Vaticano II, de cujas sessões participei pela graça de Deus, acrescentou uma iluminação especial que me ajudou

a entender melhor a incidência histórica do ministério pastoral.

Foi por isto que, ao surgir em janeiro de 1994 um conflito armado, os Bispos de Chiapas não hesitamos em condenar a violência, ao mesmo tempo em que reconhecemos a legitimidade das causas justas que foram levantadas e oferecemos nossos serviços para que se buscassem uma saída pacífica.

Consideramos que este era um dos aspectos de nosso ministério pastoral.

Assim, também não considerei alheia à missão episcopal a proposta de participar da Comissão Nacional de Intermediação (CONAI) e de servir como mediador num processo de diálogo, que buscava uma solução pacífica para Chiapas e para todo o país. Mais que isto, aceitamos na Diocese que a primeira etapa do diálogo, que devido às



O povo de Chiapas, que inclui refugiados da Guatemala, convive com a pobreza e a morte, ameaçado de novo banho de sangue por ser evidente que o governo desistiu do caminho do diálogo com a guerrilha. (Foto: Antonio Turok)

circunstâncias exigia segurança especial, fosse realizada na própria catedral, que se tornou assim símbolo de nossa preocupação pela Paz.

Ao aceitar a Mediação, não ignoramos: que o processo de Paz tinha uma dimensão nacional e internacional; que suscitava em diferentes níveis grandes e legítimas expectativas; que traria consigo a incompreensão, o sofrimento e pressões de diversos tipos; que a CONAI teria que passar por diferentes etapas e adaptações para garantir às partes, à sociedade mexicana e ao consórcio internacional que tem acompanhado este processo, a credibilidade das afirmações e

ações por ele desenvolvidas; que a mediação estava a serviço das partes: Governo e EZLN, sem representar a nenhuma delas perante a outra, ou perante a sociedade, mas situada dentro do processo de Paz.

Por outro lado, vários condicionamentos que afetavam a continuação do diálogo, mencionados pelo EZLN e considerados atendíveis pelo governo, foram reconhecidos, mas em seguida foram considerados inaceitáveis. O cumprimento daquilo que foi acertado na Mesa 1 de San Andrés se transforma numa afirmação reiterada, que não se concretiza. Frente a esta situação, o EZLN pronunciou suas últimas palavras, para logo desaparecer em

um longo, compreensível e finalmente pesado silêncio, que foi visto pela outra parte como repulsa ao diálogo.

No momento atual, apesar das afirmações em contrário, é evidente que o governo desistiu do caminho do diálogo segundo o modelo que se observava em San Andrés, para executar unilateralmente o que foi acertado e caminhar em direção à temática pendente, invocando um diálogo direto, sem que seja necessária nenhuma mediação.

Constata-se, além da interrupção do diálogo, não apenas a deterioração da situação em Chiapas e no país todo, mas uma constante e crescente agressão governamental contra a Diocese de San Cristóbal de Las Casas, a Mediação e o próprio mediador, iniciada por diversas instâncias oficiais e recentemente posta em prática em diferentes ocasiões, com sinais e palavras, pelo próprio titular do Executivo.

Esta agressão contra a Diocese, iniciada inclusive antes do conflito, já se transformou em perseguição sistemática contra ela e se concretizou em numerosas ações: expulsão de 7 sacerdotes por acusações falsas; negação prática de residência aos agentes de pastoral estrangeiros; prisão de 4 sacerdotes acusados falsamente e com franca violação de seus direitos humanos; fechamento de uns 40 templos (alguns dos quais foram ocupados pelo exército mexicano); ordens de apreensão contra numerosos sacerdotes, religiosas e missionários; pressão contra vários camponeses, para que afirmem que a Diocese

É preciso retomar o processo de paz, através do diálogo e da negociação que visem à evolução pacífica das causas do conflito

entrega armas às comunidades; diretrizes para vários meios de comunicação para que usem de subterfúgios nas notícias; criação de um clima de linchamento; profanação do Santíssimo Sacramento em vários templos, feita pela polícia de segurança. Tudo isto indica que esta perseguição religiosa já não se dirige apenas contra a nossa Diocese, sob o pretexto de condicionar a Mediação para o diálogo, mas visa à Igreja Católica em todo o país.

Com as limitações próprias da natureza humana, a Mediação cumpriu sua tarefa, esforçando-se em momentos críticos do processo de diálogo para que este não se rompesse, sem se importar com seu próprio desgaste.

Constato claramente que foi terminada uma etapa do processo de paz, na qual cumprimos de modo responsável nossa parte para construí-la. Agradeço a todos aqueles que me acompanharam na tarefa de mediação, especialmente aos membros da CONAI, que com generosidade e entusiasmo deram sua contribuição para a Paz.

É preciso construir outra etapa na qual sejam recriadas as condi-

ções do processo de paz, com um diálogo e negociação que visem à evolução pacífica das causas do conflito.

A construção da Paz é para todo Bispo uma tarefa irrenunciável, cumprida de diferentes maneiras e através de diversos instrumentos ao longo da história, de acordo com as situações que se esteja atravessando. Continuarei, com a força de Deus e a iluminação do Espírito, empenhado em construir a verdadeira Paz a partir de Chiapas, sabendo que esta não pode ser confundida com aquela que provém da repressão seletiva contra as comunidades, nem com os enfrentamentos que outros provocam nelas, e também não pode ser alcançada por caminhos de desarticulação, que rompem a unidade das legítimas diferenças. A exigência de respeito aos direitos individuais e coletivos forma parte de nossa ação Pastoral.

O atual Pontífice Romano, Sua Santidade João Paulo II, (cuja presença no México é anunciada para breve), assim o resumia ao dirigir-se no dia 7 de abril passado aos jovens do mundo: "Os direitos da pessoa são o elemento chave de toda a ordem social. Refletem as

exigências objetivas e inesquecíveis de uma lei moral universal, que tem seu fundamento em Deus, primeira Verdade e Bem Supremo. Precisamente por isto constituem o fundamento e a medida de toda organização humana, e somente alicerçados neles é que se pode construir uma sociedade digna do homem, solidamente arraigada na verdade, articulada segundo as exigências da justiça e vivificada pelo amor. Frente às diversas formas de opressão existentes no mundo, a Igreja não hesita em denunciar, com coragem a violência".

Nesta nova etapa, além do trabalho pela reconciliação e por uma unidade de novo tipo, na qual não haja excluídos, surge a responsabilidade de todos pela construção de uma nova ordem, com uma consciência histórica que abrange de modo impressionante um leque social cada vez mais amplo.

Reconciliação profunda, unidade que convoca a todos, participação mais diversificada e consciente, busca da verdadeira justiça, são os caminhos pelos quais devem transitar as pessoas cujo objetivo é construir a verdadeira Paz.

(Junho 1998)



A mulher e o mundo. "Após conquistas e frustrações do feminismo, nós, mulheres devemos admitir que só dá para construir um mundo melhor, no dia-a-dia, com o concurso do 'feminino-masculino', nadando juntos em todos os mares, na busca do horizonte perdido. Não dá mais para um querer afogar o outro e sim para respeitar cada estilo ou ritmo das braçadas peculiar a cada sexo" (Janete R. Guimarães).

Leia e assine fato e razão

Algumas idéias para motivação de diálogos e debates em encontros de famílias ou de casais.

Aprender a dialogar... dialogando

1

Casal: os dois são convidados a se colocarem frente-a-frente, bem próximos, tocam-se, acariciam-se e se olham fixamente, olhos nos olhos, durante alguns minutos, silenciosos ou conversando, sem desviar o olhar.

Depois de alguns minutos, interrompe-se essa experiência de comunicação interpessoal do casal e se pede a cada um que revele o que sentiu, se sustentar o olhar foi fácil ou difícil, se acariciar foi prazeroso e espontâneo ou desajeitado e tenso. Se houve qualquer tipo de dificuldade ou incômodo, tentar explicar por que.

É freqüente casais sentirem dificuldade em sustentar o olhar. Às vezes esse esforço provoca suor e falta de ar... Ouvir as explicações pode ser muito proveitoso para desbloquear a comunicação sensorial entre os dois se essa comunicação mais sensível do olhar e da carícia anda meio esquecida.

Pode ser também motivação para orações espontâneas em alguma paraliturgia que se realize no encontro.

2

Pessoas: convidá-las a tirar os sapatos, como sinal de despojamento, para colocar-se diante de Deus e pedir perdão. Lembrar então que Deus perdoa quem perdoa o outro mais próximo (marido, esposa, filho, pai, irmão, amigos e parentes...). Propor uma experiência: calçar os sapatos de outra pessoa e tentar dar alguns passos. Depois, em pequenos grupos, pedir que cada um diga o que representou essa experiência: se foi cômodo ou não usar os sapatos de outra pessoa, que sentido teve essa tentativa de caminhar com sapato alheio. Explorar o reconhecimento de que às vezes é difícil ou incômodo colocar-se no lugar do outro, para compreender suas razões nos desencontros da vida. Mas essa

parece ser uma condição para perdoar... o que acham? A paraliturgia penitencial pode prosseguir, com novos pedidos de perdão ao outro, especialmente ao próximo mais próximo. Rezar o Pai Nosso repetindo três vezes a frase "*perdoai as nossas ofensas assim como perdoamos a quem nos tem ofendido*", antes de concluir a oração. A repetição de uma frase no meio de uma oração que se tornou "automática" pelo uso freqüente provoca uma reflexão nova muito interessante. Esse recurso pode ser usado para outros momentos, destacando a idéia forte que se quer ressaltar em cada situação.

3

Encenar dois diálogos familiares ou de casal, previamente ensaiados, se possível. O primeiro, um diálogo funcional, em que as pessoas, usando as máscaras de suas funções ou papéis na família, tratam apenas de assuntos domésticos ou profissionais, questões rotineiras a

resolver, problemas de escola, notas de provas, horários, distribuição de tarefas, mesadas, etc. etc. O segundo, um diálogo interpessoal verdadeiro, em que o casal, ou pais e filhos, se liberam de suas máscaras funcionais de pai, mãe, marido, filho etc. e falam como pessoas humanas de seus projetos de vida, seus receios e medos, suas aspirações e sonhos, sua visão de mundo, suas inseguranças e esperanças, suas perplexidades diante das mudanças que ocorrem, sua fé, etc. etc. Nesse tipo de diálogo amistoso e franco, pai e mãe ouvem atentamente o que o filho tem a dizer, e vice-versa. Levam em consideração as opiniões dos outros; as discordâncias se revelam, questionam-se mas respeitam-se opiniões.

Em seguida, os participantes do encontro, em grupos, comentam e debatem sobre a diferença entre os dois tipos de diálogo, a facilidade ou dificuldade próprias de um ou de outro tipo: diálogo funcional ou interpessoal, ambos necessários na vida cotidiana da família. O risco de só haver o diálogo funcional.

@ É importante o contato físico, o olhar, o toque, a carícia na comunicação entre pessoas? Por que sim, por que não? É comum? Há dificuldades?

@ É necessário aprender a colocar-se no lugar do outro para compreender as suas razões e perdoar? É fácil, difícil, possível, impossível? Por que?

@ Existem barreiras para um verdadeiro diálogo interpessoal, em que as pessoas revelam o que são, como são, o que pensam? Por que sim ou não?



"Para enxergar melhor, basta mudar a direção do olhar". (Antoine Saint-Exupéry)

fato, foto e razão

O fato

Há décadas, populações inteiras são condenadas à morte por fome, causada ou agravada por guerras internas, na África. Em 1967/68 morreram 2 milhões em Biafra. Em 1994, um milhão de mortos na Etiópia. Em 1988, morreram 250 mil. No Sudão. Em 1990/92, 300 mil pessoas morreram de fome, causada pela guerra e a pior seca do século. Em 1998, já morreram centenas de milhares de homens, mulheres e crianças, e estão ameaçados de morrer 2,6 milhões, no sul do Sudão, por causa da guerra interna e seca prolongada.

A foto

Detalhe de foto com que Paul Lowe retrata a fome em Biafra, em passado recente, a mesma situação cruel em que vive hoje o povo do sul do Sudão.

A razão

A injusta distribuição de riqueza, herança do colonialismo europeu reforçada pelo modelo de economia liberal, condena a África à exclusão, miséria, fome e morte. Dois terços da população estão contaminados pela AIDS.



Solicite o catálogo da PAULUS Editora

Caixa Postal 253401060-970 São Paulo - SP
Tel. (011) 810-7002

A sua melhor leitura você encontra nas Livrarias PAULUS

BRASIL

Rio de Janeiro, RJ:
Rua México, 111-B, Centro
São Paulo, SP:
Praça da Sé, 180, Centro
Rua Dr. Pinto Ferraz, 207
Via Raposo Tavares, K. 18,5
Belo Horizonte, MG:
Rua da Bahia, 1136
Curitiba, PR:
Praça Rui Barbosa, 599
Florianópolis, SC:
Rua Jerônimo Coelho, 119
Fortaleza, CE:
Rua Floriano Peixoto, 523
Cuiabá, MT:
Rua Antônio Maria, 180
Vitória, ES:
Rua Duque de cxias, 115
Recife, PE:
Av. Dantas Barreto, 996
Salvador, BA:
Av. 7 de Setembro, 80
Goiânia, GO:
Rua 6, 201 - Centro
Campo Grande, MS:
Rua Mal. Rondon, 1284

Aracaju, SE:

Rua Estância, 198
Juiz de Fora, MG:
Av. Barão do Rio Branco, 2590
Campinas, SP:
Rua Barão de Jaguará, 1163
Caxias do Sul, RS:
Av. Julio Castilhos, 2029
Ribeirão Preto, SP:
R. São Sebastião, 621
Santo André, SP:
Rua Campos Sales, 255
S. José Rio Preto, SP
Rua 15 de Novembro, 2826
Uberaba, MG:
Rua Tristão de Castro, 17 -
Centro

PORTUGAL

Lisboa:
Rua São Nicolau, 83-85
Fátima:
Rua São João de Deus
Vila Nova de Gaia:
Rua. Mq. Sá da Bandeira, 499
Fundão, Beira Interior:
Rua Aurélio Pinto, 8